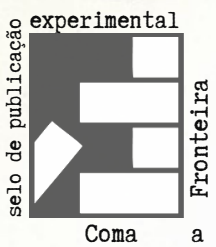
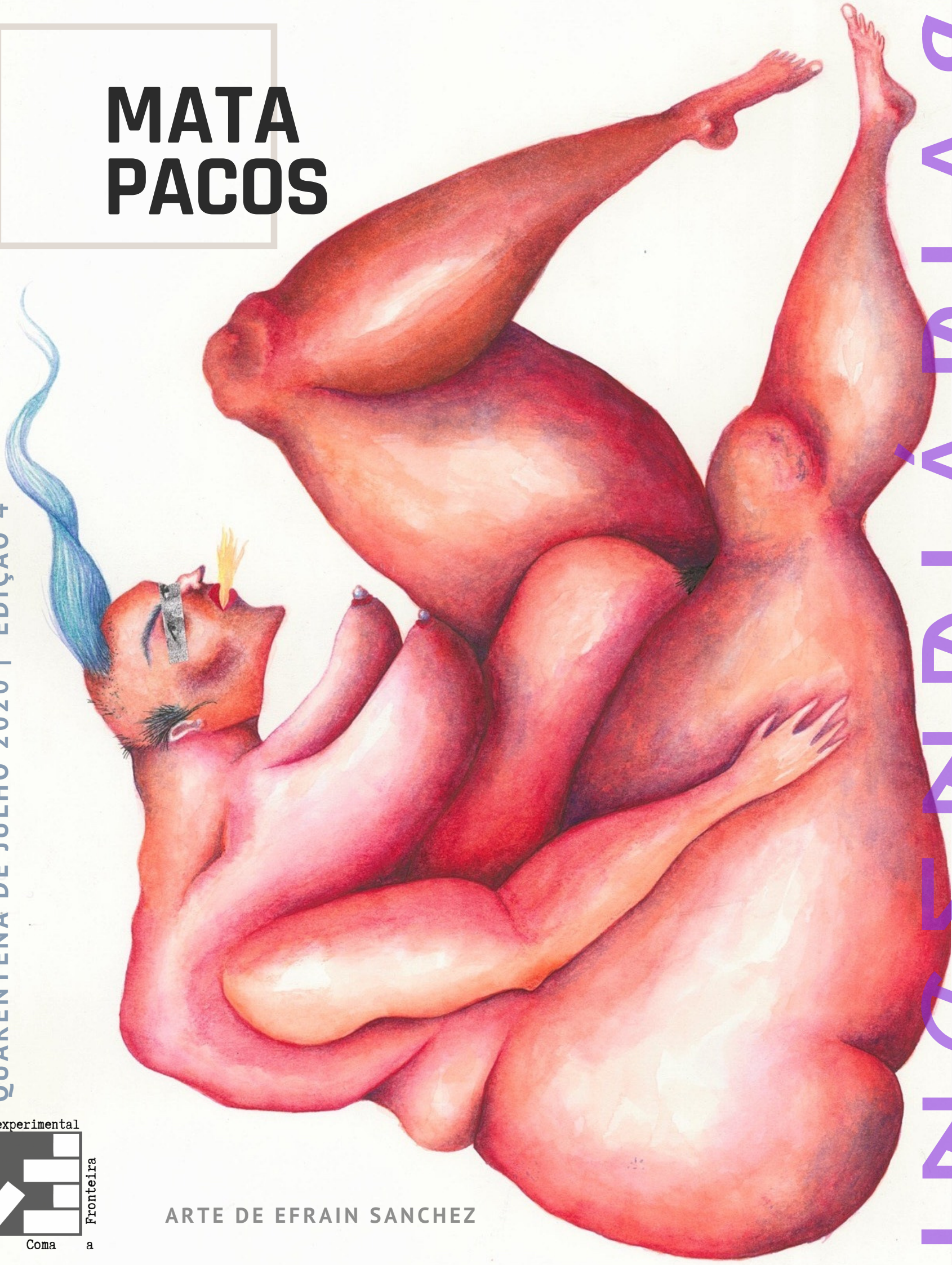


QUARENTENA DE JULHO 2020 | EDIÇÃO 4



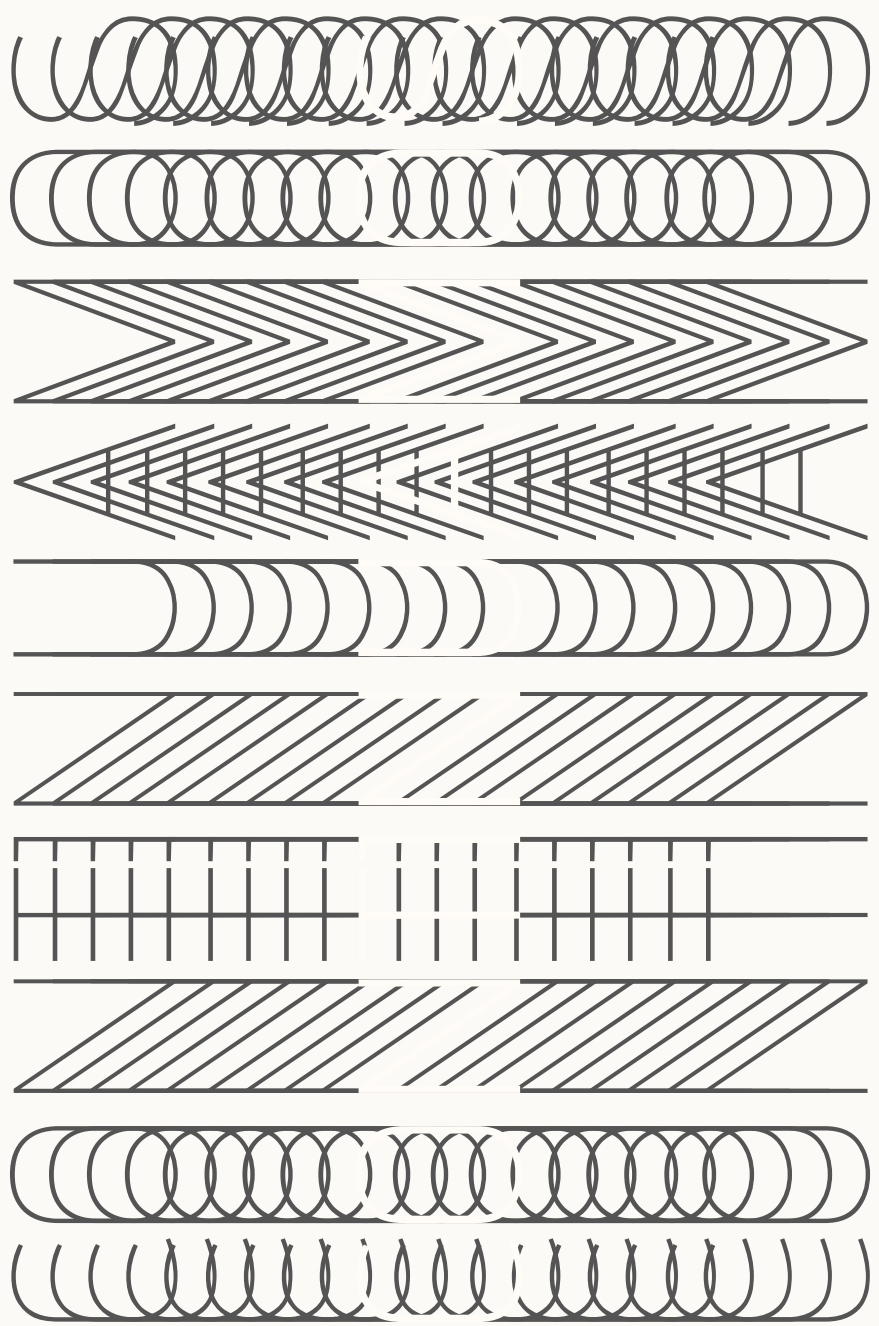
MATA PACOS



ARTE DE EFRAIN SANCHEZ

INCEPHALARIAS

VIVAS



VIVAS

EXPEDIENTE



IDEALIZAÇÃO
EDITORES

COLETIVO COMA A FRONTEIRA_
CAIO RIBEIRO_
LUCAS LEMOS_
ANDRESSA ZELENSKI_
EFRAÍN SÁNCHEZ_

DESIGN GRÁFICO
ARTE DE CAPA

ARTISTAS CONVIDADES

ALEXANDRE CERVI / BLOCO DO GLITTER (MT)
ANNE MATHILDE (MT)
BRUNA OBADOWSKI (MT)
CLARK MANGABEIRA (RJ EM MT)
COLETIVO AUDIOVISUAL NEGRO QUARITERÊ (MT)
DIZÃO LEÃO (MT)
EFRAÍN SÁNCHEZ (MÉXICO)
EINSTEIN HALKING (MT)
ELIZABETH OTHON (MT EM SP)
HEND SANTANA (MT)
HENRIQUE SANTIAN (MT)
IN-PRÓPRIO COLETIVO (MT)
ISMAEL DINIZ (MT)

IVAN BELÉM (MT EM RJ)
LUCAS NINNO (MT EM SP)
LUISA LAMAR (MT)
LUIZ MARCHETTI (MT)
MALU JIMENEZ (MT)
MARLI WALKER (MT)

RAMON NUNES MELO (RJ)
ROLDORO LUIZ (MT)
UBIRATÃ (PA EM RN)

MARTA MOREIRA (PORTUGAL)
MATHEUS GUMÉNIN (MT EM SP)
NAINE TERENA (MT)
NÚCLEO DE MULHERES CENA LIVRE DE TEATRO (MT)
OZ FERREIRA / GIGANTES DO CAMBEMBE (MT)
PACHA ANA (MT)

EDITORIAL

A imagem que fica são os sentidos do título desta edição: Incendiária.

A vida diária ardendo em chamas? O dia a dia a flor da pele, labareando a existência? Um diário aberto em explosão. Essa edição especial é sobre tudo isso. Sobre corpos que pulsam uma usina nuclear de possibilidades dentro de sua existência.

Explosões cósmicas que lançam a visão daquilo que tende a ser desviado.

Um mundo possível que arde, mas é bom.

Nesta Matapacos, há pessoas e suas vivências, há corpos e suas marcas. Minorias? Não sabemos, porque sentimos que somos maioria.

Cada página pensada como um corpo livre que incendeia.

No decorrer da leitura, deixe queimar as visões, as velhas ideias.

Aquele velho mundo precisa arder e essas cinzas nutrirão uma próxima primavera.

LGBTQIA+, mulheres, soropositivos, coletivos negros, corpos gordos, povos tradicionais e originários, a arte queimando fronteiras dos corpos, como possibilidade de um novo incêndio.

O fogo é nosso, não é deles.

Boa leitura.



Os meninos correm,

Os meninos correm almejando tudo,
almejando o mundo,

pensando que a pressa é a solução pra tudo,
mas não é não

**Eles correm por medo,
correm em segredo,
e a maioria dos meninos ta correndo na contramão.**

Os meninos correm por causa do atraso, correm pra não ser um fardo,
e isso nem é um caso isolado.

Os meninos correm,
**alguns porque gostam,
outros só porque precisam mesmo.**

Inclusive, os meninos correm mas nem todos chegam mais cedo.
Aliás, tem menino que nem chega

Isso porque os meninos correm, mas a polícia também
e todo dia quando ele sai, a mãe pede amém
pra que nada, nem ninguém
tire o seu maior bem

Em Yorubá ela reza:

"Oromi ma, oromi maior, oromi maior, iabado aiê, iêo
Oromi ma, oromi maior, oromi maior, iabado aiê, iêo

**Ai, ai Oxum, ora iê
Ai, ai Oxum, ora iê**

Isso porque os meninos correm,
**mas se for de madrugada e ele for preto
já é suspeito!**
Parece que ser escuro é defeito

Os meninos correm da bala, da vala, da farda,
COMO SE AINDA HOJE EXISTISSE SENZALA!

Se vive até os 21, é lucro.
Isso é culpa de um sistema fajuto,
onde alguns meninos correm e chegam...
Enquanto outros só deixam mães em luto.

@pachaana

Ubiratã

@ubiratanrudart

artista visual
bixa
preto
soropositivo
26 anos

paraibano criado em São Paulo
há 2 anos mudou-se para Natal para
cursar Ciências Sociais na UFRN

trabalha com pinturas (acrílica e água)
e também colagens e performances

questiona tabus relacionados a
sexualidade da bixa preta e
soropositHIVa e os espaços
que esses corpos ocupam na
sociedade





"Essa performance foi realizada no meio do ano passado com o intuito de trazer pra dentro da UFRN, a universidade onde ocupo uma cadeira, discussões sobre HIV e a permanência de alunos soropositivos dentro da universidade, em protesto a higienização do espaço acadêmico. O nome é 'Corpo Lixo'."



descobrir as palavras eu te amo
pesar na mão cada uma, medir
sua massa numa mão
n'outra
articular a língua os lábios dentes como
pela primeira vez
um homem o fez
um homem o fez a outro homem
testar o que abarca cada letra, o que deixa, o que
fala
testar cada som e sombra que acaso fique
nas arestas do a, do e
descobrir as palavras eu te amo
e a violência que é usá-las.

o sexo
devir perpétuo: tempo
enclausurado
o amado e seu amado inventam
tempo,
corpo, febre
e o que medi-los

Meu CORPO DES PEDA CXX hiss to Ri as

MaLu Jimenez
@estudosdocorpogordo

é gorda, filósofa feminista,
ativista em processo dinâmico,
doutora em Gordofobia pela
UFMT, fundadora do grupo de
estudos transdisciplinares do
corpo gordo no Brasil, idealizadora do projeto 'Lute Como Uma Gorda', integrante do coletivo feminista 'Gordas Xômanas' (Cuiabá, MT), colaboradora escritora no 'Todas Fridas' e faz o 'Pesquisa Gorda' no youtube e podcast.



Há anos, já perdi a conta de quantos, venho experimentando uma exclusão sob a mirada vigilante e julgadora de pessoas dentro do meu convívio social. Um olhar diferenciado que me diz coisas, de repulsa, engano, reprovação, aversão, nojo, medo e muitos outros diversos sentimentos expressados, apenas com o afrontar através dos olhos e, algumas vezes, com a negação da cabeça, mas principalmente com a mirada de censura.

Anos esses difíceis de entender o que esse olhar significava e por que se repetia em diversas ocasiões e com pessoas distintas, sabia que era familiar e que não era um olhar de aprovação e carinho, muito pelo contrário, tinha algo de errado em mim, comigo, e por esse motivo ele aparecia. Olhar esse que me remetia à reprovação na infância quando fazia coisas que minha mãe não permitia, como comer com as mãos, ou subir na escada sozinha, brigar com minha irmã. Estava ali, entalhado no meu ser, me remetia à mudança de comportamento e me rasgava por dentro.

Toda essa sensação de inadequação reverberou na minha vida de diversas maneiras, infelizmente nenhuma positiva, até que, há alguns meses, comecei a perceber que esse comportamento externo, repetitivo durante o decorrer da minha vida, tinha uma ligação inerente ao meu corpo gordo.

Mas, muito mais que com meu corpo gordo, era como meu comportamento não estivesse adequado a esse corpo maior. Dessa reflexão, numa conversa com uma amiga, dessas que são fada, madrinha e palhaça, tudo ao mesmo tempo – agora, minha “falhaça” –, acabou saindo de dentro de nós a expressão:

COMO
PODE?



Sim, como pode essa gorda não querer fazer regime? Como pode essa gorda ser casada? Como pode essa gorda fazer doutorado? Como pode essa gorda estar alegre? Como pode essa gorda fazer teatro? Como pode essa gorda se autodeclarar gorda e isso não mostrar nenhum sofrimento? Como pode essa gorda falar de alimentação saudável? Como pode essa gorda querer usar biquíni? Como pode essa gorda não ser zoada por seus alunos? Como pode essa gorda falar com o motorista do ônibus que ela não cabe na catraca e rir disso? Como pode?

Essa expressão me empoderou de tal maneira que, hoje, quando alguém me olha com aquele olhar de reprovação, e que há um tempo atrás acabava comigo e me fazia sentir culpa por algo que nem sabia muito bem o que era, ficava mal e me sentia muito inadequada, o patinho feio e gordo da parada, hoje automaticamente me vem à mente: como pode?

Sim, eu leio os pensamentos alheios e dou muita risada deles, porque eu consegui reverter um sentimento horrível em algo criativo e engraçado. Dessa maneira, tenho me sentido muito mais engraçada e minha construção de aceitação achou uma maneira de reverter uma situação de toda uma vida em algo prazeroso. Muitas das vezes já fico na espera: lá vem o "como pode?".

Poder transformar aquilo que te faz mal em algo criativo vem ao encontro de um trabalho do feminismo de aceitação e entendimento do próprio corpo de muitas maneiras e buscas.

"Entender que as pessoas que te reprovam e não te aceitam são as pessoas que precisam de ajuda, pois se incomodam com algo que não sabem muito bem por que."

Ser gorda e não se suicidar nesse mundo é o maior ato de resistência que eu venho experimentando.

Medos
dores
Ódios
Pavores

traumas
marcas
Angústias
Renúncias

CHEGA!
revolução, anuncia
Re EXISTA

LUTE
COMO
uma
GORDA

O
CORPO
deitado
CANSADO
De
Tanta
OPRESSÃO

IN-PRÓPRIO

PARA DINOSSAUROS



Impulso e engrenagem de criação
Estratégias de direção e atuação

Perspicácias em concepção de vídeo

Sagacidades em concepção sonora
Arquitetura de iluminação
Engenharia de texto

Astúcia dramaturgica
Investigação e concepção de figurino
Expertise em provocações literárias
Táticas de produção
Artimanhas de comunicação

Any Luz
Einstein Halking
Maria Elisa Rodrigues
Larissa Sossai
Thayana Bruno

in-Próprio Coletivo
Daniela Leite
Karina Figueredo
Juliana Segóvia
Neriely Dantas
Karola Nunes
Karina Figueredo
Daniela Leite
Luiz Gustavo Lima

Karina: Meu pai foi professor, vendedor de maquiagens, fazendeiro, arquiteto...

Daniela: Intelectual, ator, militar, economista, caminhoneiro...

Karina: agricultor, músico, cineasta, militante. Foi brilhante, mas isso não fez com que não se comportasse de maneira violenta com minha mãe ou comigo.

(Karina cuenta la historia como una narradora de cuentos de princesa con un som ambiente princecístico)

A minha mãe acreditava que precisava ter um homem em casa. Tipo um cão de guarda. Por que meu pai é caminhoneiro, ele vive viajando. Sem ele em casa a gente ficava exposta a algo que podia acontecer. Ela tinha medo de que um outro homem pudesse entrar e não ver o "homem da casa". A questão era ter alguém para cuidar e manter o respeito na casa. Por isso ela casou com meu pai. Não sei bem como eles se conheceram. Na verdade, nunca perguntei muito sobre a história...

A relação com o meu pai nunca foi muito tranquila. Eu amo ele, a gente se dá super bem. Mas ele sempre foi muito violento e machista.

Sabe aquele machismo nosso de cada dia que nos dai hoje, amém?!

Então: sabe aquela brincadeira engraçada, aquela ameaça moleca, aquele desprezinho amargo? Sabe quando a pessoa te coloca numa situação pra expor as suas inabilidades...

Ah, inabilidades! Meu pai gostava de me colocar diante da constatação da minha burrice. Era um tal de duvidar que a sonda lambida do carro não estava com defeito. Constatação da burrice. Minha mesmo. Sim, porque na frente dos outros eu era uma princesa dos olhos verdes, a filha do rei, né!?. O problema era o cotidiano. Era o tété-a-tété diário. Sabe aquela sensação de que você tá sempre fazendo merda?



Daniela: (tom alto) “Olha lá aquela do cabelo sarará”

Karina: Enfrentei meu pai muitas vezes. Eu tinha medo dele. Me colocava como a figura que pudesse evitar o desastre. Um dia ele chegou bêbado e tentou jogar um tamborete na minha mãe. Eu fui pra cima dele com um garfo. Eu tinha uns 9 anos. Minha experiência como mulher e de enfrentar o mundo dos homens.

Daniela: Tinha alguns critérios para você ser reconhecida como mulher: beleza e elegância. Isso é um ponto muito sério e não é saudável como isso entra na sua vida. Eu era a única com cabelo cacheado na família.

Karina: Quando eu raspei a cabeça, meu pai parou de falar comigo. Foi muito chocante pra ele.

Daniela: “Mulher quando raspa o cabelo, QUER VIRAR HOMEM!”

Karina: Você pode ser lésbica, mas não precisa ser tão lésbica, né Karina. Passa pelo menos um batonzinho.

Daniela: Minha mãe achava que se penteasse bastante o meu cabelo alisaria. Eu não sei se é porque ela achava feio ou porque ela queria me proteger de tudo o que eu ouvi.

Karina: “Cabelo de espanador, cabelo de arame! Aí, esse cabelinho!”

Daniela: Não corte o seu cabelo, não pinte, não use química! As pessoas começaram a me bombardear de regras sobre o meu cabelo. Ele era propriedade da família. Era um cabelo comprido, não era um cabelo sensual, mas um cabelo adorno, algo que estava ali... Quando eu descolori o meu cabelo, ele perdeu os cachos. Todos me chamaram de louca.

Karina: “Por que você fez isso? Acabou com o seu cabelo! Não devia ter feito isso!”

Daniela: Meu cabelo cai muito, eu sinto vergonha disso e já chorei muito por isso. Eu amo meu cabelo. O chão de onde eu moro fica preto de cabelo. E fico pensando como a gente se constrói com o cabelo. Meu cabelo é minha força e minha resistência.

(Projeção cabelo cacheado. Dani encaixa. Transición Música de Zumbi mais Dandara projeção preto vira cabelo)

Blecaute





PEÇA MULTIMÍDIA

SINOPSE

COIÓ são as histórias de duas mães, vítimas de diferentes tipos de violência doméstica, contadas por seus dois filhos.

Coió. De acordo com o Pajubá, dialeto da linguagem popular LGBTQI+, significa bater, xingar, dar uma surra... "Levar um coió", portanto, se refere a ser agredido. Esta pequena e expressiva palavra, quase uma onomatopeia, é o título da encenação de Caio Ribeiro, Douglas Peron e Luiz Marchetti com patrocínio nacional do Banco da Amazônia. Com a direção compartilhada entre os três artistas, 'Coió' é composto por elementos audiovisuais, cênicos e de cinema expandido. Em cena, Douglas e Caio interagem com os relatos pessoais (gravados em vídeo e projetados em telão) das próprias mães, Roseni e Avelina. Deste diálogo familiar, emerge uma narrativa sobre violência, mais precisamente casos relacionados ao âmbito doméstico e que envolvem abusos de poder, vivenciados pelos próprios artistas. O cinema expandido e a iluminação, sob regência de Marchetti e Priscila Freitas, respectivamente, potencializam a experiência do público ao expandir, através da luz e da imagem replicada no telão, detalhes da apresentação (gestos, movimentos, expressões). Simultaneamente, acontece uma espécie de montagem e edição ao vivo, orquestrada por Marcelo Sant'ana, que seleciona momentos (relatos documentais das mães ou detalhes cênicos via cinema expandido) pra exibir no telão.

Ficha Técnica COIÓ

Concepção

Caio Ribeiro
Douglas Peron
Luiz Marchetti

Direção Geral e audiovisual

Luiz Marchetti

Dramaturgia

Caio Ribeiro

Formas Animadas e Cenografia

Douglas Peron

Iluminação

Priscila Freitas

Edição de vídeo e ao vivo

Marcelo Sant'ana

Assistente de vídeo

Jéssica Ribeiro

Captação de Imagem

Jorge Queiroz

Desenho de som

João Pedro Regis

Design gráfico

Fred Gustavos

Produção

Douglas Peron

Caio Ribeiro

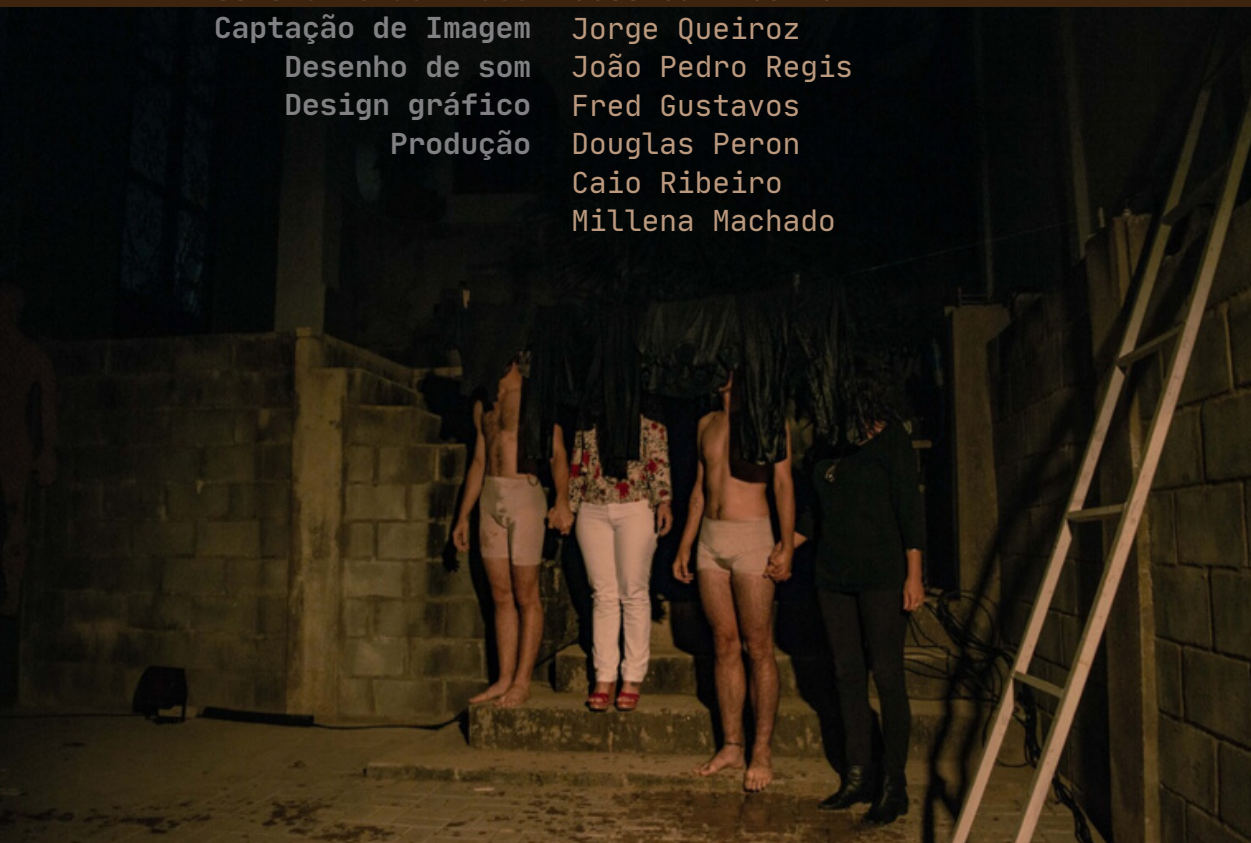
Millena Machado

Concebido sob uma perspectiva poética-documental, 'Coió' reflete sobre como os desdobramentos das vivências das mães, influenciam na constituição das personalidades dos filhos e na maneira que esses refletem a realidade, no caso os artistas Caio e Douglas.

É a história das violências que as mães sofreram, contadas pelos filhos que assistiram.

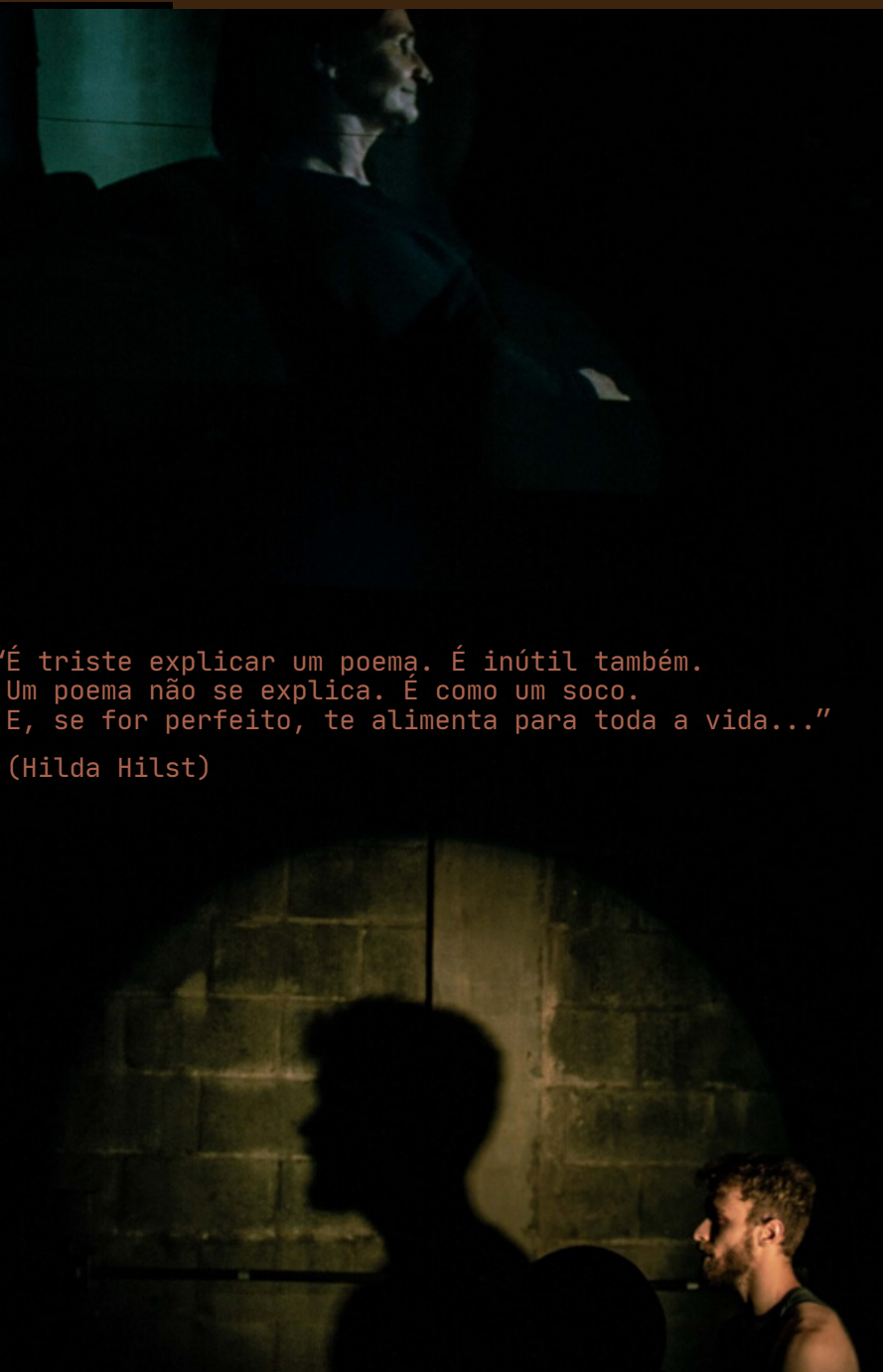
A peça aborda questões estruturais, relacionadas à nossa construção enquanto sociedade, portanto os tipos de violência tratados podem encontrar familiaridades (em todos os sentidos possíveis da palavra) com vivências íntimas do público em geral. E são justamente estas várias semelhanças nas histórias de vida de suas mães, e a consequente constatação de que estas violências das quais elas foram vítimas também os afetou, que despertaram na dupla de artistas o interesse em investigar o tema para a criação deste espetáculo.

fotos: Elizabeth Othon
@elizabethtt_





"É triste explicar um poema. É inútil também.
Um poema não se explica. É como um soco.
E, se for perfeito, te alimenta para toda a vida..."
(Hilda Hilst)



@caio.subindo
@douglasperon

Cursos para pais.

Quando criança num ambiente familiar oscilando entre amparo, espancamento e amor, para diminuir a violência, eu permanecia na escola o dia inteiro. Ensaiava teatro durante as noites, finais de semana, e quando tinha dinheiro entrava no cinema até sem saber o que ia assistir. Qualquer hora, no início, no meio ou no fim, Cuiabá era o Cairo, e eu entrava no filme. Saí da casa de meus pais com a convicção de que tudo só poderia melhorar. Meu aniversário de 18 anos foi num bar lotado de estranhos noutra cidade, rindo com desconhecidos, sem o perigo de ser surpreendido pela bofetada de alguém que me amasse/que eu deveria amar.

Um dia minha mãe me disse que os pais carecem de cursos para serem pais. Sugeriu aulas minuciosas com testes teóricos e práticos. Paternidade e Maternidade somente mediante resultados dos cursos preparatórios, justificando assim o despreparo e a brutalidade de meu pai. E assim, diante desse espectro da ignorância, onde os sintomas são visíveis, mas as causas se embaralham, ofuscadas em décadas ancestrais, esse comentário abrandou minha ira mas levantou uma outra questão. Qual o papel de uma encenação artística sobre violência doméstica? A arte dos contadores de histórias jamais conseguirá elucidar com amplitude essas experiências traumáticas, ainda mais em tempos onde o coió mais doloroso é a arte de ouvir histórias, e abafar os casos. As inabilidades de nossos líderes, as tradições culturais doentias que assolaram e ainda prevalecem no Brasil atual, atrofiam ferozmente a interpretação dessas experiências. O meu corpo de filho incumbia a meu pai. A carne de muitas mães pertence a seus maridos, estados, religiões e programas de televisão cheios de templates globalizados.

Coió é espetáculo para todas as famílias, e todos os seus membros, com dois filhos trocando conexões e experiências. Dos 207 homicídios registrados em Mato Grosso, (apenas de janeiro a março de 2019 SESP-MT 2019), 24 envolvem vítimas femininas e 12 foram indicados como feminicídios. Em minha família não houve lesão corporal com minha mãe, sua dor era moral e psicológica diante da brutalidade com os filhos. Na escola quando eu partilhava as marcas no pescoço e outros lugares, eu ouvia na grande maioria, os colegas contando sobre mães agredidas por seus maridos ou companheiros. E, se com o tempo acompanhasse os casos, logo adiante testemunharíamos a ausência de horizontes para as violentadas e para os opressores. Quase sempre o alcoolismo adotava todos em volta dessas circunstâncias.



Quando os amigos, os performers Caio e Douglas chamaram para compartilharmos o processo criativo deste documentário, senti a necessidade de levantarmos questões pessoais com a carga autoral LGBTI+. Um ambiente de oprimidos. Somos todos feridos. Com a maturidade de incluir os opressores neste sistema doente. As vezes trabalhando nos ensaios deste doc-palco, COIÓ me parece a saudade do que poderia não ter sucedido. Esses traumas quanto mais longínquos, ofuscados pelo tempo, atrasados para uma confrontação, desaparecerão? Ou será sempre uma pedra, na qual eu torno a esbarrar, bater sem cair? Talvez eu deva tropeçar, e despencar mesmo. É preciso bater a cara no chão, abraçar a pedra, para sairmos todos, alterados, deste caminho?

texto: Luiz Marchetti
@luizmarchetti

trevas

minha mãe me conforta
(ao telefone)
pede que eu tenha fé
diz que tudo vai passar
que já viu muita coisa
que os poderosos só pensam em
si

ora, mamãe,
eu sei disso - protesto
mas não engulo calada
palavras atravessadas
não é digno a uma mulher
morrer sufocada

este século começa mal
(há um tenso movimento
para as trevas, mãe!)

eu, mulher do meu tempo,
recuso as investidas do passado
e sigo (mesmo no escuro)

EINSTEIN TEIN HAL KING

KING

Einstein Halking é o convidado do Ateliê Livre desta edição. É estilista em Cuiabá, de libra, com ascendente em sagitário e vênus em escorpião. Veio de uma família de nordestinos excêntricos, com nomes de gênios.

@ehatelier

* Quando criança, Einstein teve uma infecção severa nos tímpanos, que sua família só descobriu quando ele fez sete anos de idade.

"O que eu aprendia e sabia do mundo, era através do que eu via, era só o que eu via. Então, construí o meu próprio mundo ao meu modo e ressignifiquei tudo. O que é ser homem, mulher, pai, mãe, o que é bonito, feio, certo, errado... Então, foi uma etapa muito importante porque são nos sete primeiros anos que a criança entende e absorve o mundo, entende que existem limites, aquelas coisas todas... Eu não tive esse contato. Era muito inquieto, fazia tudo que dava na telha, imagina, eu não ouvia, então se minha mãe falava "não faz isso que você vai se machucar", eu ia lá e fazia.

Mas, era assim que eu aprendia as coisas, então, como estudei em escolas tradicionais, tive muita dificuldade em me adaptar. Foi nessa mesma idade, aos sete, que a gente foi pro Rio de Janeiro e só lá uma médica constatou que sou deficiente auditivo. Aí foi um divisor de águas, porque eu já estava grande, não tinha muito conhecimento sobre a fala, a voz, tinha uma série de dificuldades na escola e um temperamento muito forte. Quando coloquei o aparelho auditivo, foi uma violência, foi um ato de violência.

Imagina, você passa sete anos no seu total silêncio, no seu maior conforto, você não conhece barulho, não conhece nada e de repente começa a ouvir barulhos de carros, gente falando, gritando...

Lembro muito bem que me senti violado, acho que a sensação foi essa, porque foi muito agressivo. E o processo de adaptação foi uma coisa bastante demorada.

Sempre quando falo sobre isso, as pessoas falam "nossa, tadinho", não, não é tadinho, gente. Isso me faz ser quem eu sou hoje. Sou o que sou graças a essa vivência de anos em total silêncio.



Depois de me adaptar ao aparelho auditivo, percebi na escola e no lugar onde morava e brincava com as crianças, que era muito julgado por ser nordestino. Que nordestino isso, nordestino aquilo, que não serve para fazer aquilo, que não serve pra fazer outro, então, elas me colocaram nesse lugar de "exótico", sabe? Era um grande preconceito, uma xenofobia. Isso me fez muito mal e comecei a me aproximar da arte feita por pessoas que não se encaixavam nesse padrão, nessa realidade, os artistas marginais, a contracultura, a antiarte, comecei a me interessar por isso. Meu pai, muito sábio, começou a me levar para exposições de artes, para assistir shows... Nunca esqueço dessas vivências artísticas que tive no RJ, porque me identificava cada vez mais e percebi que não estava tão sozinho assim: eu tinha os meus com quem podia discutir, conversar, trocar ideias e tudo mais. De qualquer forma, eu tinha poucos amigos no Rio e os poucos que tive eram mais para coisas que toda criança faz, sabe?

Eu ficava muito tempo em casa e minha mãe tinha o hábito, ainda naquela época, que devia ser por volta de 1989, de mandar fazer roupa pra ela e pra mim, aí ela sempre me levava com ela pras lojas de tecidos. Eu odiava isso. Mandava eu escolher e aí levava na casa da costureira. Sempre que a gente ia na casa dela, ela ficava lá conversando e tudo mais e eu, como uma criança impaciente, começava a folhear as revistas de moda e isso foi muito marcante, muito mesmo. Porque eu comecei a ver os estilista japoneses e belgas, imagina, uma criança vê aquilo como se fosse... nem sei explicar. Mas aquilo ligou minha chave, sabe? Eu pensava "gente, que lindo isso".

Porque os estilistas, belgas e japoneses, vão desconstruir tudo o que a moda construiu enquanto beleza e negócio, inclusive a hegemonia francesa. Eles começaram a usar muito preto, a trazer a parte interna das roupas para a parte externa, a desconstruir mesmo as roupas e aí lembro que quando vi essas fotografias, pensei "caramba, eu quero fazer isso". Lembro que pegava os retalhos e fazia roupas pras bonecas da minha irmã ou mesmo em casa, pegava o edredom e fazia uma coisa, um lençol, enfim, sempre tava inventando algo com tecido. Em Cuiabá, cheguei em 1994 e a primeira pessoa que vi caminhando pela rua, lembro como se fosse ontem - a gente tava chegando de carro na cidade - foi um cara de saia, descalço, com um véu cobrindo a cabeça, um rosto todo tatuado e a boca preta. Aquilo mexeu muito comigo. Aquilo era lindo, era não, é lindo, até hoje.

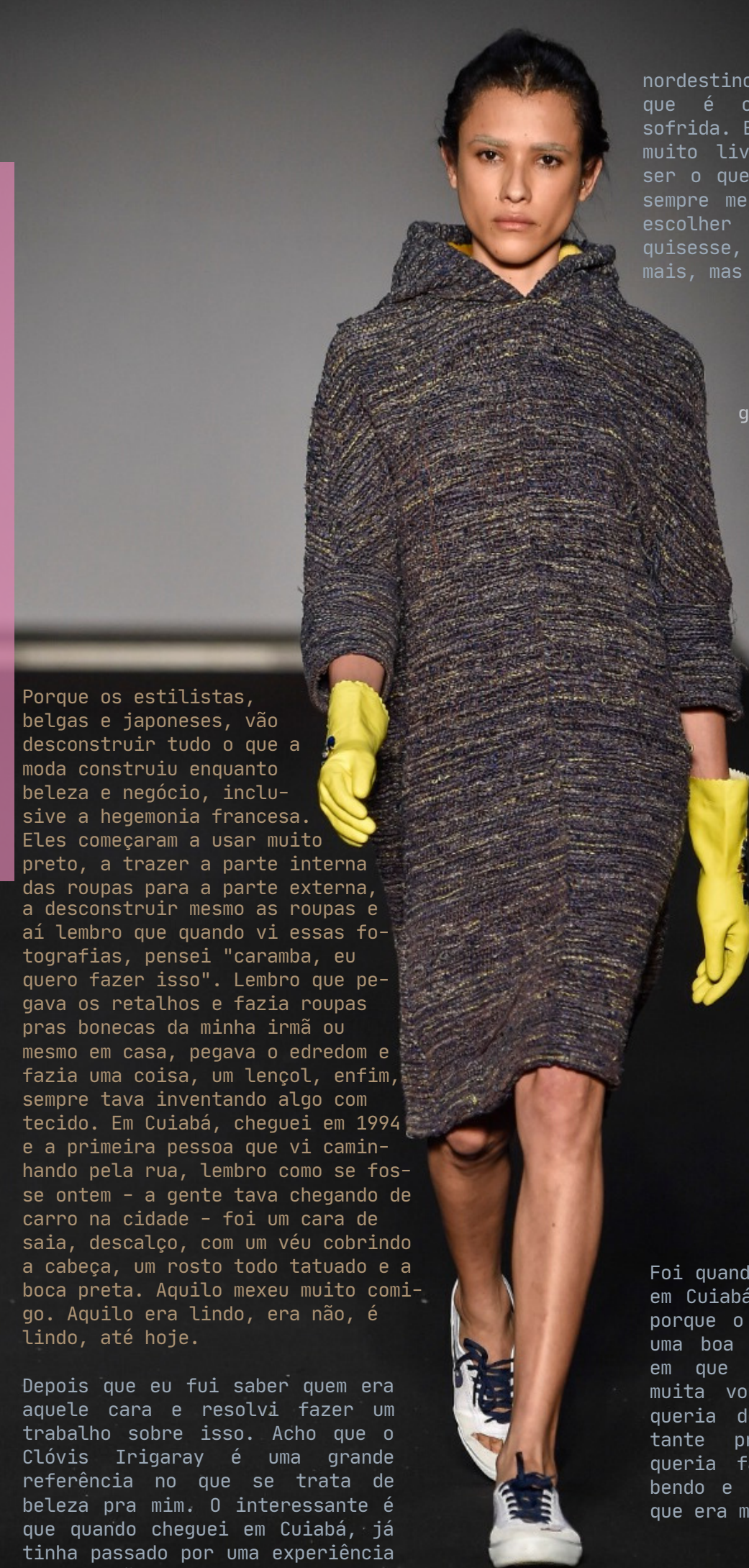
Depois que eu fui saber quem era aquele cara e resolvi fazer um trabalho sobre isso. Acho que o Clóvis Irigaray é uma grande referência no que se trata de beleza pra mim. O interessante é que quando cheguei em Cuiabá, já tinha passado por uma experiência de exclusão social no RJ por ser

nordestino, aqui foi por ser gay, que é outro tipo de violência sofrida. Eu sempre tive uma educação muito livre, nunca fui obrigado a ser o que eu não queria, meus pais sempre me deixaram muito livre pra escolher o meu caminho, o que eu quisesse, pra me relacionar e tudo mais, mas ainda assim eu sofri.

Imagina, cheguei na cidade pré-adolescente, queria fazer amizades e ficavam me tirando de gayzinho, boiola, aquela coisa toda. Então, novamente fui colocado numa caixinha, mas, eu comecei em Cuiabá a me relacionar com pessoas que tinham pensamentos semelhantes aos meus e levo eles comigo até hoje.

Depois da escola, meus pais me ajudaram a estudar em Fortaleza/CE, que foi quando cheguei a fazer artes plásticas, mas era muito novo, não tinha muita noção de mundo e da vida. Independente disso, essa experiência foi muito importante, de fato eu fui pra lá pra me descobrir, enquanto nordestino, gay e negro. Nesse período em que passei eu tava pouco me importando pra faculdade, tava descobrindo outras coisas e aí meus pais pediram que eu voltasse, porque assim não dava pra continuar.

Foi quando comecei a cursar moda em Cuiabá. Não foi muito fácil, porque o curso ainda não tinha uma boa estrutura na faculdade em que cursei, mas eu tinha muita vontade de aprender, eu queria descobrir e foi importante pra reafirmar que eu queria fazer moda. Fui percebendo e sentindo cada vez mais que era moda o que eu queria.





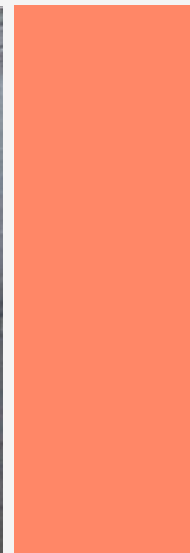
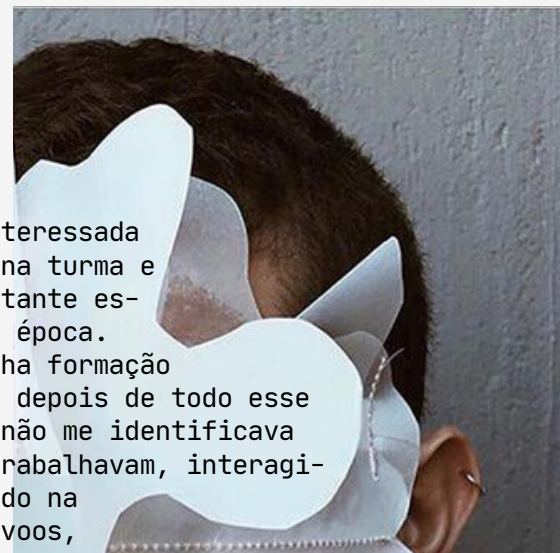
No final do curso de moda resolvi fazer uma coleção sobre o Clóvis Irigaray, que era basicamente inspirada no visual dele, não era tanto no trabalho dele em si e sim no estilo dele de se vestir, essa mistura do punk com Xingu. O nome da coleção de 2006 era esse, "O punk-xingu de Irigaray", que era uma coleção masculina, toda preta em alfaiataria, com pontos de luz em roxo, que era uma cor que ele usava muito nos lábios, que até hoje eu não sei se era um batom ou uma tinta. Lembro que o lançamento fez um burburinho aqui

em Cuiabá, mas não consegui vender muito, e também não queria vender, apesar de ser de alfaiataria e bastante comercial. De lá pra cá, eu comecei a trabalhar com diversas coisas em Cuiabá, porque não sabia ao certo o que queria fazer com moda. Sabia que queria trabalhar, mas não exatamente no que. Aí fui pro mercado. Trabalhei desde vitrinista até comprador de roupas, sabe? Com figurino pra comercial de televisão, produção de moda, produção de desfile, trabalhei com criação, com costura, com modelagem,



com tudo que você puder imaginar, eu trabalhei pra poder descobrir e, desde a minha formação, fiquei até 2009 meio que patinando nessa tentativa de descoberta. Percebi que tava caminhando em círculos e que precisava resolver isso. Tinha muita vivência, mas não tinha muito aparo, sentia que faltava uma base de formação melhor do que tive na faculdade, então entendi que precisava ir pra fora de Cuiabá pra estudar, ainda que voltasse depois. Então, em 2009, fui pra São Paulo com o objetivo de estudar na melhor faculdade de

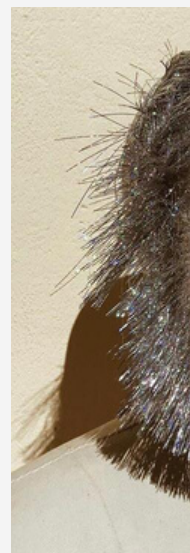
moda e de trabalhar com Alexandre Herchcovitch - uma das maiores referências de moda da época - e foi o que acabou acontecendo. Em 2010, encarei quatro anos de bacharelado na moda e foi ótimo. Tive o privilégio de estudar com muita gente interessada no assunto. Tinha muita gente nova na turma e eu era o mais velho, mas também bastante estudioso, me dediquei bastante nessa época. Esse período foi importante pra minha formação e conhecimento, mas quando concluí, depois de todo esse tempo estudando, comecei a ver que não me identificava muito com a forma como as pessoas trabalhavam, interagiam no segmento. Eu já tinha entendido na faculdade que não alcançaria altos voos,



por conta de uma estrutura racista, então, por mais que tenha trabalhado com pessoas que admiro, que via nas revista, depois criei uma certa rejeição, porque sabia da limitação de espaços. Resolvi criar uma marca e desfilar com ela na Casa de Criadores, que é o 2º maior evento

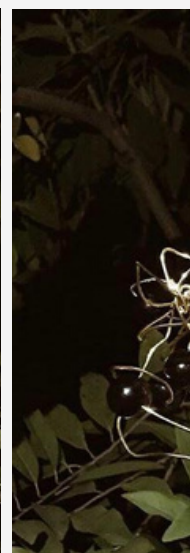
de moda do Brasil, onde expus duas coleções na passarela. Lá, quis mais mostrar meu trabalho, sabe? A 1ª coleção foi um trabalho de conclusão de curso, com dez looks criados, e essa criação foi bem interessante porque, ainda quando estava em Cuiabá, recortei e guardei uma matéria da Revista Trip sobre o suicídio dos índios Kaiowás e resolvi falar sobre isso, porque achava importante contestar essa realidade de um mundo pegando fogo, tudo se acabando e as pessoas interessadas em peças de roupas bonitas e

e baratas pra sair por aí desfilando e se exibindo. Eu acredito muito na roupa como uma força de expressão, como uma extensão da mente, que representa o que penso, o que falo, então essa coleção, "Nó na garganta", foi muito sobre isso. As roupas não eram muito roupas, sabe? Eram mais esculturas e eu tinha mais o intuito de fazer as pessoas refletirem e pensarem sobre isso. Me rendeu bons frutos. A coleção foi pra alguns editoriais de moda aqui no Brasil, pra duas exposições, uma na Noruega e outra em Berlim,



apareceu até na revista Zoom. Eu amava essa revista, eles faziam uma pesquisa sobre estilo, comportamento, mais que moda, sabe? E de repente um ami-

go meu me enviou uma foto de uma roupa minha nessa revista, que eu super admirava. Foi um momento alto da minha carreira. Porque eu admiro muito essa revista.



Um pouco depois veio a coleção "Ilusão Urbana", que traz os mendigos da Praça da Sé. Eu morava na Liberdade e toda vez que eu ia pra 25 de Março, passava pela Sé, e sempre que fazia isso, percebia como as pessoas interagiam com os moradores de rua que estavam ali e achava muito curioso, era chocante ver uma pessoa no chão estrebuchando e os outros não ligando o mínimo. Eu queria falar sobre a invisibilidade, peguei os grafites, os pastores que ficam por lá, os cobertores dos moradores, enfim, vários elementos ali da praça e coloquei na coleção.

Foi o primeiro experimento colaborativo e nunca mais parei de trabalhar dessa forma. Chamei um artesão pra fazer o cobertor do morador de rua e um artista plástico pra fazer um grafite que lembrasse o chiclete grudado no chão, os pastores, as folhas caídas, inspiradas em algumas fotografias que levei pra ele. Então, a coleção foi apresentada e acredito que, naquela época, em relação ao 'Nó na Garganta' foi bem comercial, mas bastante sombria e pesada. Consegui patrocínio com uma marca de óculos e outra de tênis, além de uma empresa de impressão digital. Tive certa grana, visibilidade e contatos com ela, mas, tanto a 1ª, quanto a 2ª coleção, parece que passaram despercebidas, porque a galera via aquilo, achava interessante, bonito, mas não pra vestir. Sempre colocavam num lugar de museu, exposição e, pra mim, tá tudo bem, porque acredito que faça parte do meu trabalho, trazer discussões, levantar questões, dizer o que penso.



Pra mim
não importa
aplausos
educados
e sorrisos
amarelados,
pra mim é
dizer o que
penso e sempre
respeitar as
pessoas.

Sempre tive
isso na minha
cabeça.

E nunca
discriminar
o outro pela
sua diferença,

como via em São Paulo:
discriminação por ser
nordestino, por ser negro,
por ser gay. Tive algumas
vivências na cidade que
determinem que não faria
igual pra mim, que
trabalharia de forma leve
e não prejudicaria
ninguém pra isso.

São Paulo é uma cidade que te seduz muito, pelas oportunidades que têm, mas que também puxa o tapete sem dó nem piedade: aluguel caro, desemprego, pessoas um pouco escrotas. Enfim, foi em São Paulo que entendi que era negro. Foi quando achei que tinha que voltar, que tava na hora de voltar pra Cuiabá. Lá consegui estudar, trabalhar com quem e onde queria e foi a melhor coisa que fiz, não vou mentir, porque comecei a recuperar algumas coisas que tinha perdido. E hoje posso afirmar que sou muito feliz aqui, porque trabalho com o que quero, sou rodeado por pessoas maravilhosas, que me alimentam intelectualmente.

Então em Cuiabá, comecei a dar aula na UNIC, trabalhei com figurinos e um dos meus primeiros trabalhos foi com o In-Próprio Coletivo, que amei, depois abri meu próprio ateliê, comprei minhas máquinas e resolvi, de fato, trabalhar mais com figurino mesmo. Já vai completar dois anos de ateliê agora em julho e lembro que na época fiquei com certo medo de abrir, mas depois vi que foi a minha melhor escolha.

Há um ano, resolvi abrir uma marca, a Zweig (@ehzweig), que veio no momento do falecimento da minha tia. Fiquei muito mal com isso e decidi criar para tentar perpetuar a lembrança dela. Não só dela, mas da relação dela com as irmãs e com a mãe, que sempre achei muito admirável. Ver elas juntas rindo, conversando, brigando também, como toda família. Então, resolvi colocar essas lembranças nessa marca e, claro, também questões do tipo 'o que é ser nordestino?', 'o que é ser negro?'... Apesar do discurso político, a Zweig expressa um lado meu mais romântico, porém rebelde.

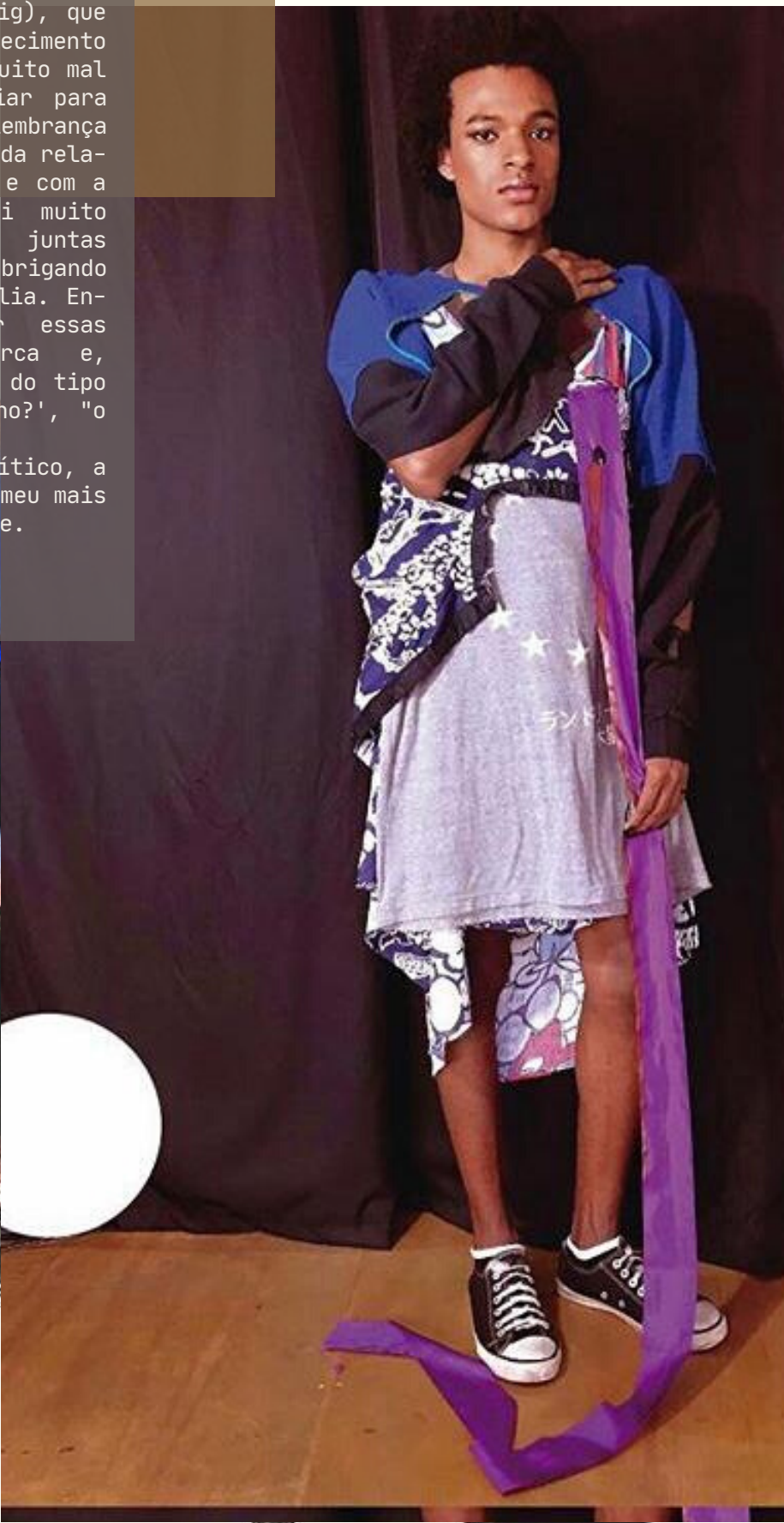
Já lancei, ao todo, três coleções com esse selo, mas na pandemia demos uma parada por não saber, de fato, o que fazer nesse momento. Então, estou lendo, percebendo, discutindo com pessoas que confio e, no momento em que me sentir seguro, retorno. Porque acredito que agora não há cabeça pra isso e nem as pessoas

estão dispostas a ouvir o que será tendência na próxima estação. E acho que tá tudo bem. Dá pra gente usar esse momento pra repensar atitudes, se há coerência.

Já no meu ateliê, sempre tenho a proposta de trabalhar conforme o que penso. Às vezes tenho clientes que nem param pra pensar no porquê do que pedem. Aí, como tática, sempre mostro um projeto como a pessoa quer e depois um como eu acho que deveria ser. Na maioria das vezes, ficam com o segundo, porque entendem que a roupa é um discurso, não só tecidos costurados aleatoriamente. Ainda tem gente que não entende isso, esse sentido primordial, mas todos os meus trabalhos têm um significado, uma justificativa."

Einstein vive atualmente em Cuiabá/MT, e foi entrevistado no dia 6 de junho de 2020, via celular, por Lucas Lemos.

Contato com o figurinista: einsteinhalking@icloud.com ou pelo IG @ehatelier



Efraín Sánchez

MEX

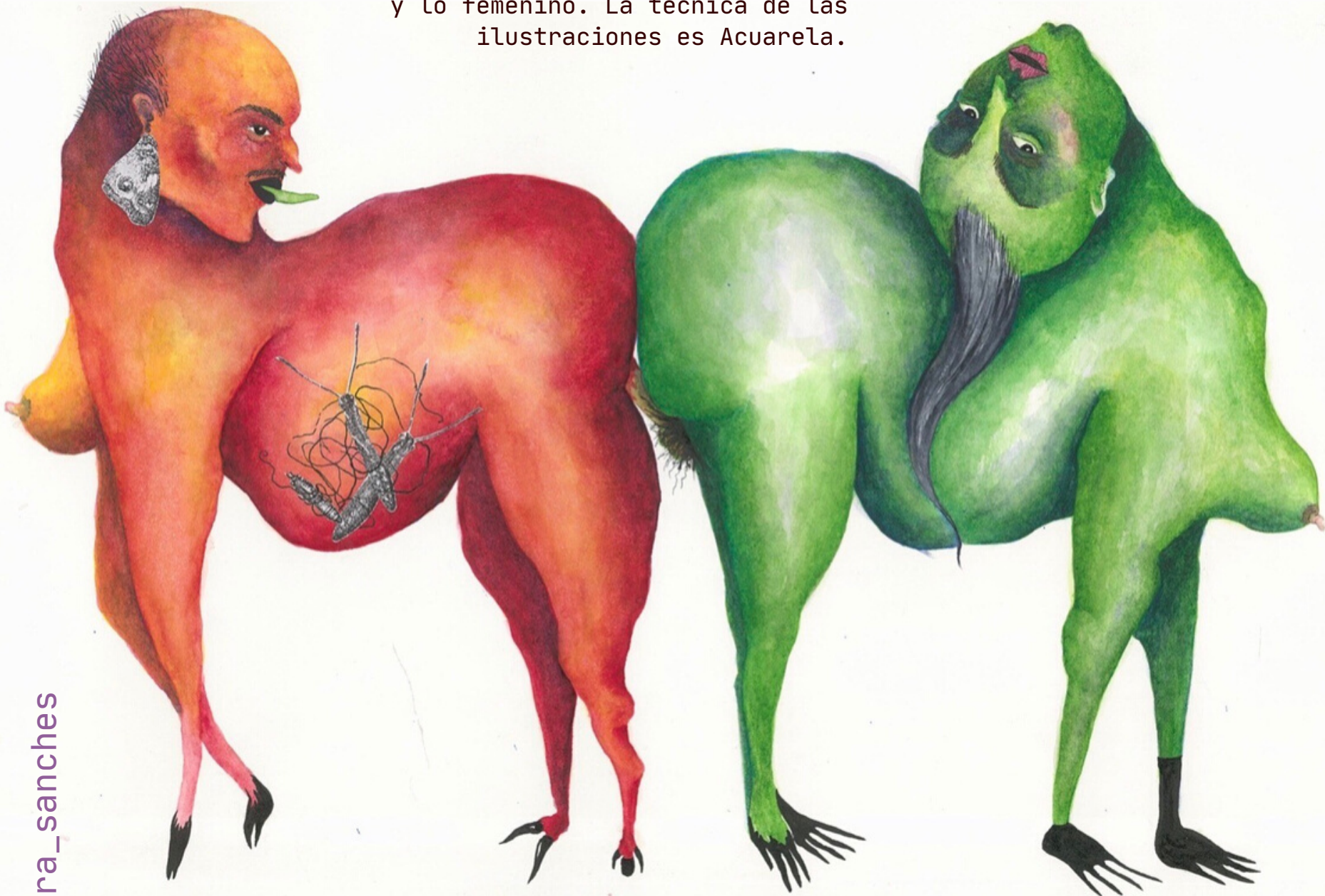


@efra_sanches

na capa | 26

Soy un artista Mexicano, vivo en la CDMX, inicie mi camino desde muy pequeño, tenía cuadernos donde me dibujaba a mí mismo con cuerpos de animales o los rostros que me parecía tenían algo especial, alguna cicatriz o una nariz enorme. Siempre me atrajo la estética grotesca, encuentro que lo que no es común tiene cualidades más valiosas, pues mi motivación más grande es provocar con mis ilustraciones, dejar un mensaje al espectador, un reconocimiento a todo aquello que no está bajo la norma, los cuerpos que desbordan belleza no estereotipada, jugar con el género, erradicar el odio hacia el cuerpo y lo femenino. La técnica de las ilustraciones es Acuarela.

Sou um artista mexicano, vivo na Cidade do México. Comecei minha jornada muito pequeno, tinha cadernos onde me desenhava com corpos de animais ou rostos que me pareciam ter algo especial, uma cicatriz ou um nariz enorme. Sempre me atraí pela estética grotesca, acho que o incomum tem qualidades mais valiosas, pois minha maior motivação é provocar com minhas ilustrações, deixar uma mensagem para o espectador, um reconhecimento de tudo que não está dentro da norma, dos corpos que transbordam beleza não estereotipada, brincam com o gênero, erradicam o ódio contra o corpo e o feminino. A técnica das ilustrações é aquarela.





arte: Efraín Sánchez
@efra_sanches



Essa edição incendiária tem momentos de incêndio e de diário. 'Contidas Nunca Mais' é uma peça do Núcleo de Mulheres do Cena Livre de Teatro, que construíram o espetáculo com uma das propostas dramatúrgicas mais ousadas que já vimos em Cuiabá. A partir de fatos reais sobre violência contra a mulher e vivências cotidianas das atrizes, todo o processo de pesquisa é transformado em desenhos e/ou imagens feitas nos momentos de ensaios, e depois Ana Carolina conduz essa alquimia da cena, onde os esboços iniciais, fruto da vida psíquica das atrizes, vão se transformando em ações físicas e ganhando corpo e texto. Existe no gesto um tanto de traço, e na dramaturgia, um tanto de gesto. Pensando em como conduzir uma entrevista com o elenco, pedimos que as atrizes definissem algumas palavras que nos ocorreram durante a pandemia. São palavras que guardam ampliações contraditórias, mas ao mesmo tempo um pouco desgastadas pelos usos mais diversos. O resultado deste jogo de palavras e de visões está logo aí!

PALAVRAS Cruzadas

SINOPSE

Histórias reais de mulheres vítimas do feminicídio, encenadas de forma poética e performática, narram os estágios da violência contra a mulher.

@contidasnuncamais

FICHA TÉCNICA

Elenco

Ana de Mello
Caroline Manzoni
Ellyda Reich
Wenni Justo
Bárbara Biguinatti
Thalita Bastos
Líndice Moraes
Thamires Fernanda

Direção

Ana de Mello

Dramaturgia coletiva do Núcleo de Mulheres
Cena Livre de Teatro

Contidas Nunca Mais



Cidade é construção, tanto da própria quanto dos seres que a compõe, se articula conforme as relações de produção e a partir detalhes as relações sociais, onde estes atribuem significado e significantes a realidade que vivem.

PARCERIA Thalita

Para mim significa troca, cooperação e compartilhamento mútuo. Situação em que há reciprocidade.

Quando ouvimos a palavra sonho, temos algumas respostas para responder a sua significância. Ela vai muito além de um simples conjunto de imagens, de pensamentos ou de fantasias que se apresentam à mente durante o sono. É também tudo aquilo que almejamos para um futuro próximo. Nossos objetivos, vontades e desejos. Todos os dias acordo com novas vontades, me refaço e me deixo aberta ao mundo pra que novos desejos apareçam, para que assim novos sonhos se recomecem. Nos refazemos de acordo com a maré que a vida nos leva, meus sonhos, desejos e vontades de um ano atrás já não se faz presente no meu novo eu. Pra mim uma vida sem sonhar e planejar algo pra um futuro próximo, é uma vida cinza, a todo momento conheço uma nova vontade ou desejo que por seu momento vira sonho.

SINTONIA Líndice

Perdão, eu ando escrevendo tanta coisa e ao mesmo tempo sentindo-me vazia que a única coisa que veio me salvar é quando minha amiga artista mandou um texto e eu lembrei que eu precisava escrever sobre a sintonia. Logo hoje, que me senti ligada a ela, harmonicamente nossas pulsões conectaram-se. É a mesma sintonia que sinto quando subo ao palco, o público parece enxergar tudo aquilo que o personagem emitiu. Emitir nota, senti-la remota. Personagem e público, longes um do outro, mas completamente pertos. O olhar transmite reciprocidade, o abraço afaga a consolidação de uma relação. Como sei disso? Não é difícil saber, A sintonia emocional. Sintonia - quando ultrapassamos o limite do conhecer, eu a compreendo tão facilmente que tudo parece fluir naturalmente. Hoje me peguei em sintonia comigo mesma, quando eu me permito sonhar, me alimentar bem, entender meu espaço. Sintonia, primeiro comigo para conhecer-me o suficiente para um ambiente confortável habitar.

FALTA Ana

Quando há insatisfação com o sentido sentido há falta. Ausência de sentido.

COLETIVO Ellyda

Para o dicionário coletivo é um conjunto de seres num grupo. Para maioria da sociedade o coletivo é algo essencial para desenvolver ações e melhorias para a comunidade, entende-se que o coletivo necessita observar a diversidade de um ser ao outro.

INSIGNIFICÂNCIA Wenni

Insignificância é ser incapaz de modificar um signo cristalizado (as vezes até o reafirma). Mas eu denominar uma coisa como tal tem um significado.

ESSENCIAL Ana

As outras coisas são essenciais. Pra que haja água é preciso mais de uma molécula. Pra que haja alimento, é preciso água. Pra que haja vida humana é preciso alimento. A relação entre as coisas é essencial. Assim como dependemos das coisas, as coisas dependem de nós. Descobrir essa relação é essencial para a manutenção da vida. Para que a relação não enfraqueça por falta de coisas essenciais umas pras outras. Cuidar das relações vivas é essencial.

CASA Caroline

Casa é onde eu me sinto bem, confortável, livre e segura. Não se limita somente ao espaço físico, pode ser na minha moradia fixa ou em um lugar que estou visitando temporariamente, o que define são as emoções e energias transmitidas por mim e pelas pessoas que ocupam aquele espaço, assim como o significado que atribuo para os elementos que estão ao meu redor



Entrevista com Ismael Diniz e Ivan Belém para revista Matapacos, feita por Caio Ribeiro via ZOOM.

E no meio da pandemia, as distâncias dilatam: mas também podem se contrair. A Matapacos organizou um bate papo delicioso comandado por Caio Ribeiro, com os artistas Ivan Belém e Ismael Diniz. Ivan nasceu no Pantanal, mas cresceu em Cuiabá, parceiro do inoxidável Liu Arruda e fundador do Grupo Gambiarra. Ismael veio de Cáceres para Cuiabá, artista da nova geração, membro da Cia Solta de Teatro e estudante de Teatro na MT Escola. Reunir essas duas gerações é muito importante porque dá pra perceber como as coisas mudam e continuam sendo as mesmas. Entre citações de Belchior e Bethânia, o amor pela noite foi se ampliando entre os três – que já trabalharam juntos. Caio Ribeiro fez a direção de cena do espetáculo PROGRESSO, de Luiz Marchetti, que é a comemoração de 40 anos do Teatro de Ivan Belém. Já no curta Ausência, também de Marchetti (previsto para estreiar antes da pandemia, mas agora sem data prevista), Ismael e Caio interpretaram dois melhores amigos boêmios da vida noturna.

Caio: Ivan começa numa outra Cuiabá, bem diferente. O Ismael quando começa e vem pra Cuiabá, encontra outra cidade. Como é a relação de vocês com essas Cuiabás? Como entender uma Cuiabá tão diferente, tão fronteiriça... Como é este universo Cuiabá que se transforma o tempo todo.

Ivan: Eu comecei em Cuiabá final da década de 70, mas enquanto grupo de rua começamos no início dos anos 80. Era uma Cuiabá que ainda estava vivendo uma ditadura, depois logo em seguida as Diretas Já. Mas a gente já tinha essa coisa da irreverência, da liberdade. Tem uma música do Belchior “todos os sinais estão fechados para nós que somos jovens”, e a gente ia na bicada, na porrada, abrindo os espaços, criando espaços. Fazíamos muito bar. Tinham muitos bares alternativos, nichos que estávamos sempre circulando. Começamos da rua para os bares, bares temáticos. Só mais tarde a gente vai para os bares das elites. Até então, éramos do underground. Era muito bacana porque fomos conquistando públicos



ENTRE VISTAS

- e isso tudo antes da mídia. Havia um conflito cultural com os “de fora”, chegava muita gente de longe. O teatro fez este enfrentamento com irreverência, alegria e arte. A gente discutia essas questões e tudo que acontecia ia pro teatro, ia pra rua. O cuiabano era visto pelo “de fora” como feio, preguiçoso e uma série de estereótipos. E era gente foi desconstruindo isso. O povo cuiabano recupera sua autoestima pelo teatro. Eu fico muito orgulhoso com essas coisas.

Ismael: Meu contato com Cuiabá foi bem quando eu comecei, na escola técnica em Cáceres, em 2014. Entrei para o grupo de teatro que era dirigido pelo Luciano Paullo e ele sempre fazia este contato Cáceres x Cuiabá. Fazíamos viagens técnicas para assistir espetáculos. Um que me marcou muito foi Rusga, da confraria dos atores no SESC. Fiquei encantando. E sempre mudando, cada vez que íamos ver uma peça estava diferente. Sempre mudando. Até então eu ia muito no palco giratório, ia muito no SESC. Comecei a ir mais e ver outros acontecimentos artísticos, uma coisa mais independente. Mas como você disse, Cuiabá sempre muda. Eu visitando naquele bate-volta, trabalhando e estudando na MT Escola era uma coisa. Quando me mudei este ano, ficou completamente diferente. Cada vez descobrindo mais sobre a cena artística. Na época que morava em Cáceres e estudava em Cuiabá, eu ia todo fim de semana. Tem uma música da Bethânia “vou aprender a ler para ensinar meus camaradas” e fazíamos muito isso com Cuiabá.

Caio: Se antes o Ivan estava desconstruindo o cuiabano em cena, hoje o Ismael está vendo as pessoas de Cuiabá se reconhecendo em cena. É incrível como existem muitas rimas entre vocês. Parece que o Ivan fala de um período distante, mas como se fosse agora. Inclusive esse período tenso que estamos passando com estes últimos governos, né? Todo esse horror... Ivan falou de ditadura, e já até enfrentou censura, não tem uma história assim?

Ivan: Nós apresentávamos para o censor. Ele ficava dias antes da estreia acompanhando. Só ele na plateia, sozinho. A gente ficava apresentando e aí ele implicava com alguns gestos, com algumas falas. Era gente burra, não entendia. Não conhecia nada. Aprovava críticas fortíssimas, mas uma bobagem ele implicava. Eu me lembro que estávamos programando para ir a Brasília no festival LEVANTE CENTRO OESTE. Eu fui fazer os trâmites com a polícia federal e íamos com dois trabalhos: um adulto e infantil. Na hora das autorizações, o espetáculo adulto passou tranquilo, mesmo tratando de uma



crítica social muito forte. Na hora do infantil, eles barraram. Foi por causa de uma brincadeira infantil tradicional, era assim “testa panela, bolor, fedor, torra de quem peidou”, que insinua que é o cu, mas não chega a falar, né... A censora proibiu a peça. Aí Therezinha Arruda, que era diretora de Cultura – não tinha secretaria de cultura na época. E o Dante era ministro da Reforma Agrária. Eu fui lá na Therezinha e disse que a polícia federal não tinha liberado a peça. Todo mundo com mala pronta, e Therezinha era uma mãezona pra nós, amo ela de paixão. Entramos no carro e fomos até lá. Chegando lá chamei a censora e disse assim “essa aqui é a professora Therezinha Arruda, diretora de cultura e tia do ministro da reforma agrária”. Aí a Therezinha falou “minha filha o que tá acontecendo? Por que você não quer liberar a peça? A senhora não teve infância? Não peida? A senhora não tem cu, não?”. A peça foi liberada na hora e nós viajamos.

Caio: Em contrapartida, o Ismael pega um outro período. Na época do Ivan as coisas estavam ali: há censura, há censor, há ditadura, está oficializado. Agora, tá tudo acontecendo, mas não tem nome. O censor não é um oficial. Tá tudo em neblina. Não temos que apresentar pro censor, mas existem centenas de censores por aí.

Ismael: Exatamente. Não tem censores pra filtrar, mas qualquer um que pense diferente de mim se sente no direito de censurar meu trabalho. Tá muito louco porque agora, de uma certa forma, a gente não tem medo de fazer, mas ficamos com o pé atrás em como isso vai reverberar. Incomodar? Sim, sempre. Mas é um medo do quanto isso pode chegar e nos prejudicar. As pessoas estão numa onda de questionar a arte. Ficar definindo o que é arte e o que não é. Tem muito isso. As pessoas apontam os preconceitos delas e dizem que não é arte. A gente viu isso lá no MAM na exposição Queer, as pessoas querendo falar o que é arte. Engraçado que aqui em Cáceres rolou uma coisa tão estúpida. Os vereadores se juntaram e fizeram uma lei municipal proibindo qualquer exposição queer que atacasse a família. Mas aqui em Cáceres não tem museu, não tem galeria e nem tem exposição. Mas essa ideia de interferir na arte pra proteger a família é tão forte que eles criam leis com coisas

que nem acontecem na cidade. É tudo tão estúpido que não tem lógica. Não tem um censor, existem vários e cabe a nós conseguir falar mais alto que essas pessoas.

Ivan: Tudo isso é muito triste. Tivemos uma ditadura, depois uma abertura, aí chega a democracia. Todo mundo vibra. Aí despenca o retrocesso. Quer dizer, tivemos a censura oficial e hoje essa que não é nada oficial, mas as pessoas passaram a censurar e a odiar a arte. Eu fico indignado com esses fundamentalistas que nunca foram a uma exposição, nunca leram um livro de arte e criminalizam os artistas, baseados na bíblia. A gente vai produzir um trabalho e já fica com isso na cabeça. Passamos a nos censurar com receio do que possa vir, ou a instituição não aceitar, o público se revoltar. Tudo muito medonho.

Caio: Isso me lembra quando Gervane, que pra mim é o artista que levou Mato Grosso pro Universo, foi censurado numa exposição em um shopping, por conta de um cara que não entendeu uma obra de arte. A obra falava “crack is wrack” e o cara gravou um vídeo falando que obra era apologia ao uso de drogas. A instituição removeu o trabalho do Gervane, e os outros artistas da exposição decidiram todos retirar suas obras em protesto. Ou seja, uma pessoa ignorante tem o poder de bagunçar tudo – e a instituição fica em cima do muro e apoia os “clientes”.

Ivan: Eu me lembro desse episódio. Teve um jornalista que foi lá intimidar as pessoas, interrogando com perguntas estúpidas. Reforçando o preconceito com a obra de arte. Escreveu uma matéria ridícula. Na época que fazíamos o teatro de rua que era extremamente politizado, os jornalistas estavam ao nosso lado. A imprensa era rebelde, queria educar Cuiabá, levar informação. Era totalmente desprovida de preconceito. Estavam ao nosso lado.

Caio: Antigamente, os artistas convidavam jornalista para ir assistir à peça. Eles até escreviam resenhas, comentavam. Hoje é tudo via whatsapp, manda o release e as vezes publicam tudo do jeito que foi enviado. E eu vejo que são os próprios jornais (ou os donos) que pressionam alguns jornalistas e fazer deste jeito, colocando a pauta da cultura como sem importância.

Ismael: E sem contar as fake News, né? Que qualquer corrente de rede social pode virar um incêndio. Tá tudo fácil de acreditar e tem gente que posta justamente pra prejudicar.

Ivan: Entra o conceito do bufão. O bufão nunca anda sozinho, anda sempre em grupo. Só, ele é frágil... No Gambiarra, a gente nunca tava só. Tinha a imprensa, uma galera em nosso entorno. Artistas, intelectuais, bailarinos, artistas plásticos, poetas. Não estávamos só. Uma multidão de gente criativa vinha junto com a gente.

Caio: Era uma GRANDE multidão. Lembro que teve uma época que muitos artistas moravam juntos, Lio Arruda, Irigaray, Aline, Marcio Aurélio, Serafim Bertoloto, era uma explosão.

Ivan: Sim, eu não saía de lá. Eu me lembro que quando Lio morava ali eu era um estudante, duro. Estava sempre por lá. Ficava naquela casa até tarde da noite, conversando com Aline e com o pessoal. Saía de lá de madrugada, não tinha dinheiro pra pagar taxi. Voltava a pé da praça popular até o Lixeira (bairro de Cuiabá).

Acontecia alguma coisa? Claro né! Já fui parado pela polícia de madrugada, em frente ao Cine Teatro, parou o camburão, desceram com metralhadora “mão pra cima, mão pra cima”, me deram uma geral e levaram toda minha grana. Pediram até pra eu cuspir para ver se eu tinha saliva ou não. Essas coisas aconteciam muito.



Caio: Parece que tudo se transforma, mas nada muda. Tem coisa que.... caraca... a polícia sempre a mesma fazendo as mesmas coisas...
Ivan: Muitas vezes eu já tomei geral da polícia saindo de espetáculo, acredita? E já levaram minha grana umas três vezes, da bilheteria.
Caio: Que horror! Mas como era isso? Tinha justificativa? Argumento ou só tiro, porrada e bomba?
Ivan: Desciam com cacete, arma. A desculpa era pra procurar droga.
Caio: Meu Deus, nunca um beck foi tão caro na vida! (risos)
Ivan: (risos) E foi toda a bilheteria. Tá certo, uma vez eles acharam um baseado mesmo. Mas nas outras só levavam o dinheiro sem encontrar nada. Pra não perder a viagem.
Caio: É... E as vezes é inútil tentar explicar. Já tive que explicar um trabalho que fizemos pra polícia e era impossível. Não queriam aceitar e entender. Muito louco... Enfim. Pegando um gancho nessa ideia de repressão, vamos falar da vida noturna. É meio que um consenso que "a noite é dos artistas". Não temos muito o hábito de usar a manhã e a tarde, né? Geralmente estamos trabalhando de dia, pra poder ensaiar e apresentar a noite. E a noite é o local da descoberta, onde conheci muita gente legal, muitos artistas que admiro. Era ali que nos víamos, ou nos en-



contrávamos depois dos espetáculos. Queria saber de vocês sobre essa relação com a noite cuiabana.
Ivan: Olha, eu trabalhei muito na noite, né? Tanto que levei 10 anos pra concluir a faculdade (risos). Por quê? Eu trabalhava a noite e estudava de manhã. Não tinha como acordar cedo. Tranquei muitas vezes. Era uma época fértil da criatividade artística. Uma vez fui fazer minha rematrícula e a mulher do departamento me mandou um despacho dizendo que iam pedir meu jubileamento. Aí ela disse assim "olha o que o chefe do departamento respondeu: não faz parte da ideologia do dep. de história jubilar nenhum aluno, ainda mais de um artista que artista que estava trabalhando".

Caio: Que lindo, até arrepiei.

Ivan: A gente ganhava um dinheirinho era um grupo tão grande. Apresentávamos nos bares e era tanta gente que dividia tudo e dava pouco. Comíamos no bar e já gastávamos. Voltávamos a pé sem um puto no bolso. Não me arrependo de nada. Foi tão importante esse convívio com a noite, com a galera. Lógico, já tinha seus problemas e seus perigos, mas eu sou um sobrevivente disso tudo. Hoje, não sei dizer como está, até porque não estou mais em Cuiabá. Aqui estou meio isolado, ainda mais com a pandemia: 3 meses sem sair de casa. Meus projetos pararam todos, mas só volto quando acabar a pandemia.

Caio: Você é cria da noite! Tem uma relação de luta pela noite, né? Uma gratidão também.

Ivan: Sim, sim. Eu amo a noite. Lembro que botava um papel na minha porta escrita 'amanhã vou a aula'. Chegava cansado, minha mãe ia me chamar e eu pedia "mais 5 minutos". Aí dava 8h e eu dizia "não vou mais". Aí minha mãe respondia "ah, Ivan, O dono da noite!". (risos)

Ismael: O que é uma mesa de bar e uma conversa em coletivo para um processo criativo, né? A noite é muito viva e criativa. E pra mim é muito louco porque quando morava em Cáceres, quando tinha alguma apresentação em Cuiabá muitas vezes eu pedia pra marcar mais a noite, pra conseguir terminar minhas coisas em Cáceres, me arrumar, pegar um ônibus ou carona e correr pra Cuiabá. E ainda conseguia participar e ensaiar. E pra mim foi muito isso. Sempre pedia pra marcar tudo depois das 19h. As aulas da MT eram isso. Aulas durante a semana eu tinha que entrar nesse corre. E sempre depois das aulas, livres, íamos pra Mandioca e sempre sentávamos pra beber e discutir. Depois dos espetáculos, também. A noite é viva.

Sempre uma conversa borbulhando, ideias fluindo. Tenho uma ligação forte com a noite por conta disso. De dia eu trabalho: enquanto não vivo de arte, eu preciso fazer algo pra sobreviver. Preciso comer, beber, dormir.

Caio: E precisa ter lazer, conversar, curtir, transar, dançar. Essas coisas também são essenciais.

Ismael: Exatamente. E a noite eu consigo realizar tudo isso. Eu me desfajo, tiro essa roupa, crio um outro corpo e vou pra noite. É aquela loucura. De dia a gente mantém a imagem, a persona de trabalhador e a noite eu sou quem eu quero, falo do que eu quero e experimento o que eu quero.

Caio: A noite é sempre carnaval.

Ismael: Ah... sim! (risos)

Ivan: Eu me sinto um privilegiado, sabe? Porque eu enquanto artista também tive esse trabalho paralelo pra sobreviver. Mas eu caí aos 19 anos na secretaria de Cultura. Fiquei quase 40 anos lá, num ambiente de liberdade, convivendo com artistas, fui sempre livre, sem esconder nada. Isso é pra poucos, né? Essa sorte de trabalhar assim. Tive muita sorte. Aposentei de lá e hoje agora sim posso viver da minha arte.

Ismael: Acho muito legal falar desse privilégio, estar neste meio com gente bacana. Lembrei da minha estreia em Cuiabá apresentando Carne, uma narrativa sobre memória e foi através do Luciano que eu entrei no espetáculo. Lá conheci a Yandra Firmo e o Everton Britto. Depois fui convidado pra companhia e enxerguei o quão potente era o grupo e aqueles artistas. Luciano Paullo, Everton Britto, Yandra Firmo, logo em seguida Talita Figueiredo e Benone Lopes. Eu fiquei assim, realmente honrado em estar ali, dividindo o palco com essas pessoas. Eles fazem teatro há mais tempo que eu, e esse contato sempre será uma aula. Isso é um privilégio. Pra mim foi e está sendo maravilhoso.

Caio: Eu sinto que a presença da noite para alguns artistas é muito forte. Lembro de sempre ver a Cia Solta na Mandioca (praça) ou no Régis (bar da cidade). E cara, isso cria tantas relações, tantos encontros. Eu mesmo conheci artistas que, de certa forma, a gente estava esteticamente distante, mas a noite nos aproximou.

Ivan: A noite aproxima gerações.

Caio: Sim, total. Lembro de estar na mandioca apresentando e ver o pessoal da MT Escola descendo pro Leviana (bar) depois da aula. É a nova geração chegando na noite. Mas diga aí, qual a estratégia pra aguentar este ciclo que durante o dia você é a formiga trabalhadeira e a noite a cigarra performática? Quais as estratégias pra não surtar?

Ivan: Olha, minha estratégia é pensar que logo mais vou me jogar na noite (risos). Esse é meu grande atrativo pra conseguir aguentar o trabalho e a correria do dia. À noite, poder sentar com os amigos, tomar uma cerveja e conversar. Bom demais.

Caio: Olhar sempre no relógio, né? (risos) agora falta uma hora.... Agora, 30 minutos.

Ismael: Quando falta 30 minutos já não faço mais nada (risos).

Ivan: No meu caso, que trabalhei sempre no centro histórico, eu frequentava ali, os botequinhos de lá. A gente saía do serviço e já ia. Quando eu morrer eu quero ser cremado e que minhas cinzas sejam atiradas no centro histórico: ali eu vivi os melhores momentos da minha vida. Eu amo o centro histórico de Cuiabá.

Ismael: Pensando aqui: Se a noite é carnaval, de dia eu faço minha fantasia! Penso nela pra a noite eu me montar, respirar, conversar, beber.

Caio: Lindo isso... De dia, fazer a fantasia...

Ivan: Bordar, né? É lindo mesmo.

Caio: bordar, costurar, muito paetê (risos)

Ismael: muito brilho!

Caio: E ao mesmo tempo, como é que é ter todo esse amor por essa região do centro histórico e assistir tudo se acabando, caindo, a repressão policial aumentando?

Ivan: Olha, eu moro na Lixeira desde que eu tinha 30 dias de nascido, na mesma casa. Eu saí agora em dezembro de 2019 pra vir pra Niterói. Minha infância era na rua que não tinha asfalto. Diversão era pendurar na charrete que passava e sair com ela. Roubava fruta do vizinho. Acompanhei todo o processo do centro histórico, ali ainda era circulável, tinha gente toda



hora. Era habitável a noite. Beco do Candeiro tinha um bar maravilhoso, que reunia todos os artistas. Uma galera interessante, sabe? E depois, mais tarde foi tudo piorando. A mandioca virou uma coisa tumultuada, muita gente. Eu frequentava antes de ser moda, era tranquilo. Foi ficando aquele tumulto, aí as pessoas que moram reclamam, chega a polícia, fica violento, aí a perseguição do poder público - deixam tudo deteriorar, tanto o espaço físico quanto pessoas em situação trágica. Aí vem pessoas querendo fazer algo, e o poder público não garante segurança, e ainda atrapalha tudo. Fecharam até empreendimentos. Eu vi gente bacana tentando fazer e o poder público perseguindo. Tudo isso é lamentável.

Ismael: Muito triste. Os casarões abandonados caindo é muito triste. Dá pra ver a história caindo, entre a os tijolos e a parede desmanchando. E tem um descaso grande. Eu peguei a época da mandioca lotada cheia de gente e o contraponto da polícia fechar ruas e fazer os carros desviarem pra passar no meio da praça, pra tirar o povo da rua. Numa dessas, um carro já passou no meu pé e ficou por isso mesmo. E qualquer pessoa que saía da calçada e ia pra rua e a polícia empurrava e dava até o famoso bacu. Isso é muito triste, a mandioca é viva e agora tem que ficar se regrando. Não poder pisar no chão é tenso, triste.

Caio: E agora com a pandemia, tudo que queremos é a rua. Poder pisar. Andar.



Ismael: Saudade da noite!

Caio: E como que tá essa relação agora de ficar sem rua?

Ivan: Olha, é engraçado porque hoje eu tenho medo da rua. Me sinto inseguro. Eu já não sou mais um cara da noite. Eu prefiro fazer minhas coisas durante o dia, mas prefiro a noite ficar em casa. Não, não durmo cedo. Continuo noturno, mas fazendo as coisas aqui dentro. Vagando dentro de casa, na rua não. São muitos os perigos. Tá tudo mais violento e outra: eu já curti a rua demais, cometi vários excessos, festei. Agora, estou mais tranquilo.

Caio: Sossegou, né? Porque o Ivan era porra louca. Lembro que conversei com Joyce (sobrinha de Ivan) depois das gravações de Progresso e ela me contou que você passou o manto da boemia pra ela (risos)

Ivan: (risos) Sim! Eu me lembro que meus pais ficavam enlouquecidos nos primeiros anos de noitada. Não tinha celular, né? Eu saía de noite e voltava de manhã. Cheguei em casa um dia e tinha um monte de carro. E o que aconteceu? Era eu que tinha sumido e o povo ficou doido. Hoje, eu estou tão comportado. Joyce disse que quando era criança me via saindo para as noitadas e tinha vontade de ser igual eu, fazer todas essas coisas. Disse que agora eu estou sossegado, quieto. A Joyce é baladeira, puxou pra mim. Ela é da noite. Adora farra. Ama meus amigos, saía comigo e todos gostam dela.

Caio: e pra você, Ismael, como que está a rua sem rua?

Ismael: Ai... que tenso.... Eu penso neste contexto de minoria - que não são minorias - a rua sempre foi importante pra nós, mas agora tá normal a violência. Sermos agredidos, levar surra. E agora há mais medo, né? E o pior é pensar que com a pandemia essas pessoas que nos agridem estão saindo normalmente, colocando a gente em mais risco ainda. É muito louco.

Lembro de uma carreata pró-bolsonaro e nós estávamos em aula na MT (escola de teatro) e estávamos fumando cigarro ali na frente, na Getúlio (rua). As carreatas e os carros gritando e buzinando. Gritavam: 'vão trabalhar, vagabundos!' e a gente se olhando, tipo, queridos nós estamos trabalhando, vocês é que estão aí na rua fazendo nada!

Caio: Nem estão na rua. Estão dentro do carro. O pé não toca no asfalto.

Ismael: Sim, e isso é mesquinho. A gente se limita por conta deles. A rua é um prazer, mas agora é um lugar de medo.

Ivan: Revoltante demais.

Caio: Tô achando esse papo uma delícia e preparei umas perguntinhas mais viajadas, pra gente explorar também outras possibilidades. A primeira é: um lugar que te emociona. Pode ser da infância, imaginário, um lugar que você nunca foi.

Ivan: O centro histórico é muito caro pra mim. Mas o que me emociona é o MISC (museu de imagem e som de Cuiabá). Fui gestor de lá e sempre que passo me dá uma coisa no coração, uma nostalgia.

Ismael: O lugar que me emociona é o Rio Paraguai. Ele atravessa Cáceres e me emociona olhar. Cada ano que passa, ele diminui. Eu olho e tenho como um parâmetro do tempo, está passando.

Caio: Uma insignificância que vocês são apaixonados.

Ivan: A arte de um modo geral. Para os artistas é importante, é tudo. E muita gente trata com desprezo. Uma parcela significativa que acha que a arte é desnecessária. Pra mim é o contrário. Arte é tudo.

Ismael: Nossa, uma pergunta simples que... te pega! (risos) Se for ver uma coisa mínima, mas que pra mim é muito grande, muito potente, eu sempre pensei muito na ave do pantanal Biguá ou a biguatinga, ele é incrível. Muito pequenininho, mas ele voa, ele tem hábitos terrestres, e mergulha. Tem a capacidade de mergulhar e pescar. O que ele faz? O bico vira um arpão e ele atravessa o peixe. E ele é pequenininho. E isso é de uma potência incrível.



@ivan.belem
@_ismoz

A MÃO INVISÍVEL
AINDA MATA +
QUE O VÍRUS

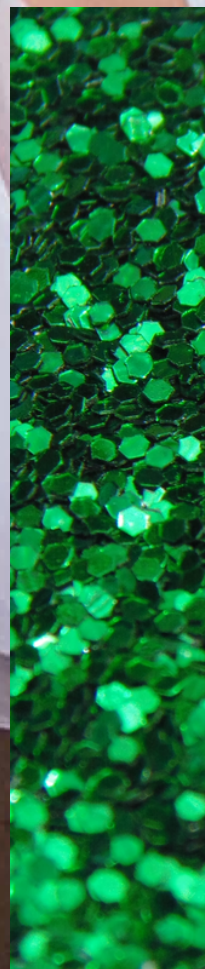
A VIDA INVISÍVEL
AINDA NASCE E
MORRE SEM
NINGUÉM TER

BLOCO DO GLITTER

@blocodoglitter

a cidade é nossa!

O Bloco do Glitter surgiu em Cuiabá em 2016 como uma manifestação das ideias e performatividades de dois jovens pulsantes, Bianca Poppi e Alexandre Cervi, inquietos e movidos pela vontade de construir a realidade em que gostariam de viver. Lá no início, agregamo-nos ao Bloco do Amor (já existente) na tentativa de encorpar o movimento e ampliar a festa, munidos do argumento-chamariz: "se a gente não se preparou ou não tá tão acostumado com um carnaval de bloquinhos 'jovens e alternativos', pelo menos nessa época podemos tacar um glitter na cara e sair pra rua sem (muito) medo de ser feliz, rs".





Despretensiosa porém potente - assim se fez a intenção do bloco. Aquelus que tinham sentimentos afins logo se aproximaram e, de uma patotinha, já vimos um grupo brilhante o suficiente pronto pra rebolar e fazer uma farofa coletiva. Eis que lá, nessa proposta-improviso, nos deparamos com as primeiras questões sócio-político-problematizadoras que trouxeram uma nova roupagem pro discurso, acendendo a chama do que poderia acontecer no ano a seguir. Festejamos na abandonada escadaria da "Rua do Meio" próxima à Praça da Mandioca, ocupamos a deprimente vala do VLT no trecho da Prainha próximo à Dom Bosco e, após essa experiência, encerramos a quarta de cinzas com uma publicação no Facebook (então meio exclusivo de comunicação dos eventos) resumindo:

"O Bloco do Glitter foi a forma mais animada, contemplativa, gratuita e democrática que criamos pra juntar a diversão, a despretensiosidade e a representatividade neste carnaval. Moramos numa capital onde até feriado festivo é mais discretinho que milhares de outras cidades no país e, ao

nosso ver, podemos muito bem movimentar a cena ao invés de investir em passagens para glamourizar em outro lugar. Logo, esta era a deixa pra agregar os migos e as migas, xs desabrigadxs, aquelxs que dispensam abadás e quem mais tivesse interesse em ser feliz por algumas noites. É preciso entender que o intuito foi beem além de *apenas* jogar glitter na cara e encher o caneco por cinco dias seguidos. A gente gosta de close & beleza & lacração, mas não saímos de casa apenas pra ser bonita. Boniteza não move cena, não cria hábitos, não politiza e nem faz - de fato - carnaval."



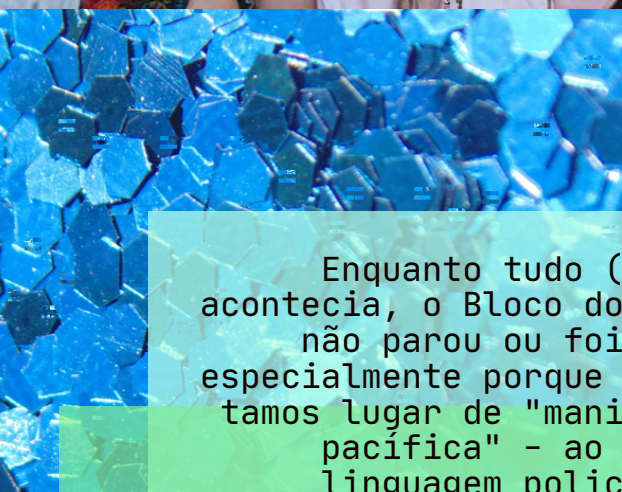
Tomada essa consciência, repetimos a dose em 2017 ampliando nossa "equipe" (o famoso núcleo-duro) e, primordialmente, espalhamos nossos pontos de encontro a fim de democratizar o deslocamento das periferias e variar os acessos. Visto a necessidade de cobrir uma estrutura mínima de som e logística, adentramos em parcerias com espaços privados pra realização de "esquentas" e assim levartamos uma grana com bilheterias a 5 golpinhos-simbólicos, sustentando posteriormente a programação oficial de carnaval de ocupação da RUA. E nesse momento vimos a coisa acontecer, belíssima e efervescente.

Hoje a equipe mudou (por motivos predominantemente geográficos) e, como colheita de um plantio resistente, crescemos exponencialmente nos últimos dois anos. Paralelo a este "projeto", por assim dizer, tenho trabalhado com e por um espaço multicultural que tem se estabelecido e conquistado um público diverso e fiel - o Metade Cheio -, que de alguma forma permitiu potencializar o alcance e colaborar com uma estrutura-suporte a mediar e impulsionar os caminhos do bloco: fechamos parceria com a Melissa e a Quem Disse Berenice, abrimos um ateliê de produções pré-carnavalescas e, através das festinhas de aquecimento, arrecadamos verba de produção que financiou no ano passado um primeiro desfile oficial puxado por uma bike-som divertidíssima e, surpreendentemente nesse suspiro de 2020, um trajeto mais longo e impactante pelas ruas sobre nada menos que um trio elétrico.





É válido pontuar que todo esse rebuliço foi feito de forma independente e na marra, sem apoio público ou alvará: numa cidade onde o centro histórico é há anos deixado à deriva, em que vemos anualmente mais e mais casas literalmente desabando; onde os últimos carnavais ditos "públicos" tiveram barreiras com revista, impedimento de circulação com bebidas pessoais ou de qualquer marca adjacente à patrocinadora do evento e, curiosamente, limite de horário e som nos estabelecimentos; onde a cultura é recorte, o incentivo tem preferência, e a festa não tem sido sua, nem nossa e muito menos de quem quiser ou vier.



Enquanto tudo (ou nada) acontecia, o Bloco do Glitter não parou ou foi parado, especialmente porque conquistamos lugar de "manifestação pacífica" - ao menos na linguagem policial, rs.

Por essas
(e tantas outras)
esse movimento
fantasiado de carnaval
inspira,
empodera,
prova possibilidades
e promete fazer
& acontecer.

A cidade é nossa!

texto: Alexandre Cervi
@alexandrecervi





Coletivo Audiovisual Negro Quariterê

escrita colaborativa
pelos/as membros/as do coletivo

@quaritere

O Coletivo de Audiovisual Negro Quariterê é formado por afrodescendentes que atuam como produtores e entusiastas do audiovisual do estado de Mato Grosso, com o objetivo de discutir temáticas relacionadas às questões raciais e suas interseccionalidades, que agravam preconceitos de gênero, sexualidade, geracional, estratificação social e econômica. Nesse sentido, o Coletivo de Audiovisual Negro Quariterê realiza, incentiva e apoia ações voltadas para a promoção da equidade de raça e gênero no segmento audiovisual.

O Coletivo Quariterê tem a missão de propor, debater, influenciar e monitorar políticas públicas nos âmbitos municipal e estadual que convergem em ações afirmativas para inclusão dos profissionais negros e negras em toda a cadeia produtiva do segmento audiovisual.

O Quariterê, homenageado no nome do coletivo, foi o Quilombo do Quariterê, localizado na região de Vila Bela, primeira capital do Estado. A história do quilombo é a história de Teresa de Benguela, rainha do Quariterê. Sua resistência heroica e seu espírito democrático foram inspirações para a criação desse lugar de aquilombamento para os profissionais do audiovisual mato-grossense, esse lugar onde podem chegar e se reconhecer entre pares.

O encontro de profissionais negros da cultura e do audiovisual que daria origem ao Coletivo Quariterê aconteceu em 19 de setembro de 2017, dias após participarem da Oficina de Cinema Negro ministrada pelo Prof. Dr. Celso Prudente na Universidade Federal de Mato Grosso, entre 11 e 14 de setembro do mesmo ano. Cerca de um ano antes, em 2016, uma ação da Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso chamou a atenção desses mesmos profissionais afrodescendentes atuantes na produção cultural e audiovisual, como também de vários/as ativistas dos movimentos sociais negros do estado, ao propor a realização da I Mostra de Cinema Negro de Mato Grosso marcada para acontecer no mês da Consciência Negra, em novembro de 2016.

A questão que chamou a atenção naquela época foi a organização da I Mostra de Cinema Negro do Estado ter sido pensada, planejada e protagonizada por uma produtora local onde todas as pessoas envolvidas no processo eram brancas. Tal fato não surpreende vindo de um setor hegemonicamente branco, cis, heteronormativo e elitizado. Mas como agravante da situação, os convidados para compor as mesas e palestras eram majoritariamente pessoas brancas, que se propunham a discutir narrativas e experiências negras, em filmes repletos de representações estereotipadas, objetificadas e subalternizadas. As atividades “formativas” formuladas com o título: “Deu Branco”, assim como toda a produção da Mostra, teve como justificativa ter sido desenvolvida dessa forma o argumento de que não havia no Estado de Mato Grosso profissionais negros no setor audiovisual aptos para debater os temas. A soma desses fatos despertou a indignação, gerou protestos nas redes sociais que contaram com apoio de diversas lideranças do movimento negro, especialmente impulsionadas por profissionais negros do setor cultural da cidade de Cuiabá, que exigiram da Secretaria de Cultura do Estado retratação e providências para solucionar a questão.



Diante da situação, a I Mostra de Cinema Negro foi suspensa, houveram muitas reuniões e por fim, ocorreu uma reorganização após muitos debates. Naquele momento a SEC-MT acatou que era necessário tratar das temáticas e pautas raciais contando com a experiência de profissionais e os argumentos de pessoas que vivenciam na pele estas questões, por isso, possuem propriedade argumentativa. Diante disso, foram convidados profissionais negros para compor a equipe organizadora da I Mostra de Cinema Negro de Mato Grosso que foi realizada cerca de 20 dias após o Dia Nacional da Consciência Negra. Em seus 3 anos de existência, de 2017 a 2019 o Coletivo Quariterê já organizou três (03) Mostras de Cinema Negro. Foram exibidas sessenta e nove (69) obras audiovisuais selecionadas na soma dessas edições, tendo sido inscritas mais de 300 obras oriundas de todo o Brasil, com um público espectador de aproximadamente mil (1000) pessoas ao longo das três mostras.

A Sessão Afrocline ocorre desde o ano de 2018. É um projeto criado em parceria com o Cineclube Coxiponés, em que os filmes selecionados em todas as edições das Mostras de Cinema Negro, bem como outros filmes convidados, são exibidos e debatidos em data mensal fixa, no auditório do Centro Cultural da UFMT. A sessão é gratuita, aberta aos alunos da universidade e à comunidade. Os curadores Anna Maria Moura e Wuldsen Marcelo são responsáveis pela seleção de filmes, tanto das mostras realizadas como da Sessão Afrocline.

A sessão Afrocline tem um público regular e é um dos motivos de orgulho do Coletivo Quariterê por extrapolar, pela primeira vez, o limite da capacidade do auditório do Centro Cultural da UFMT ao exibir, juntamente com outras curtas-metragens o lançamento do filme "Como ser racista em 10 passos", da diretora Isabela Ferreira.

O Coletivo possui também ações diretamente ligadas ao debate e à luta pela implementação de políticas públicas afirmativas, bem como a discussão sobre a inserção da pessoa negra no mercado (contemplando do mesmo modo outras "minorias"), como a reivindicação da estruturação do edital da cultura do município no ano de 2018, para que o valor destinado de 100 mil ao segmento audiovisual fosse subdividido em 4 valores para os concorrentes: uma parcela de 50 mil para diretores não estreantes e duas parcelas de 25 mil para diretores estreantes, visando com isso a participação de indivíduos com dificuldades estruturais e acesso para a elaboração de carreira e currículo.

Reivindicamos também a inclusão de políticas afirmativas, na formatação do edital do estado, direcionado ao segmento, no ano de 2018, como vagas destinadas a afrodescendentes, indígenas e LGBTQIA+ e vaga para direção estreante; neste caso, a conquista foi em relação a vaga para direção estreante, inclusa no edital. O Quariterê se posicionou de maneira obstinada em relação a decisão de utilização do recurso público, previamente pensado para a formação, no valor de 600 mil reais, investimento que seria realizado pela Secel-MT no setor audiovisual (ano 2019/2020), para que fosse definitivamente destinado à contratação de uma instituição de respaldo nacional para a formação de novos profissionais.

Em 2019 produzimos de maneira independente o primeiro filme do Coletivo: "A Velhice Ilumina o Vento" (ainda sem data de estreia), com apoio das produtoras Latitude Filmes e Plano B Filmes e com o patrocínio da Agro Serra nos custos básicos da produção (alimentação, deslocamento, aluguel de Van). O filme tem como protagonista Valda (interpretada por Benedita Silveira), mulher preta, periférica, trabalhadora e que tem como descontração a ida à Bailes da Terceira Idade. O filme foi planejado todo de forma colaborativa e envolveu na realização mais de 24 pessoas negras, desde a pré-produção à pós-produção, com o intuito não só de que o coletivo tivesse uma obra audiovisual com temática negra, agregando as conquistas do grupo um produto realizado pelo Quariterê, como de formação de todos os participantes, refletindo assim sobre a constituição da equipe e dos bastidores de um filme.

Neste momento de pandemia, o Quariterê desenvolveu o projeto QuariTV, no qual entrevista pessoas de diversas áreas para falar sobre negritude e também sobre o momento atual na perspectiva da população negra. Atualmente, dois membros do Coletivo Quariterê compõem a diretoria e o conselho fiscal, respectivamente, da associação MTCine, visando pautar a equidade racial e fomentar a representatividade, fazendo valer o debate sobre a inclusão das pessoas afrodescendentes no cenário audiovisual.



MICRO UTOPIAS EFÊMERAS E TEMPORÁRIAS OU O VOO DE UMA BORBOLETA AO MEIO DIA

para Guilherme Zarvos

poesia | 45

uma borboleta entrou
na sala, ao meio dia, mas todos estavam muito ocupados para enxerga-la
chegou devagar, batendo suas asas coloridas, sobrevoou o computador da diva, que
assistia vídeos de instrução de crochê
pousou por alguns segundos na mesa da flávia, sobre as flores quase pálidas com a
tristeza da longa semana
era um voo lento, cantava algo incompreensível, mas ana paula conseguiu ouvir, sorriu
para christine em cumplicidade
de quem confidencia um segredo de vidas passadas
parem, uma borboleta entrou na sala, gritei
levantei, gritei, disse que é impossível continuarmos assim, ou vamos adoecer
o tempo dançou ao nosso redor
ainda assim ninguém enxergou a borboleta, a cada bater de asas abria-se uma janela
no tempo, enxerguei algo que não sei descrever, sei apenas que era belo e colorido
parei em uma imagem, dançávamos sobre os escombros, dançávamos e chorávamos
entre as ruínas do nono andar do prédio
o que faz aqui, como ousa dançar entre nós?
planilhas, prazos e previsões do mês, tudo picotado diante da beleza
de uma borboleta
olha, leila, ela está cantando aquela canção
escuta
o que é aquele desenho em sua asa?
será que pode me levar para longe daqui?
ouço batidas de um tambor, era o andré, em seu retiro
silêncio, o douglas na aldeia afukuri
subi na mesa, gritei: uma borboleta entrou na sala
está aqui, a dançar e cantar entre nós
cantar? sim, ela canta vozes de um outro tempo
de repente, parou sobre meu ombro
não consegui reagir
uma borboleta pousou sobre mim
dancei naquela sessão, entre os nossos medos, dancei
e parti com ela, em pleno voo, em direção ao mar
eram tantas verdades, tantas bandeiras, que ninguém se deu conta
da borboleta, e de mim.

DIÁLOGO COM WILLIAM S. BURROUGHS

ser
extraplanetário
eu sou o outro você

in lak'ech ala k'inn
transformo
objeto em sujeito

poemas de Ramon Nunes Mello
@caderno_de_autoficcao

DIÁLOGO COM WILLIAM S. BURROUGHS foi publicado no livro
"Há um mar no fundo de cada sonho" (Verso Brasil, 2016).
MICRO UTOPIAS EFÊMERAS E TEMPORÁRIAS OU O VOO DE UMA
BORBOLETA AO MEIO DIA é poema inédito em livro.

a linguagem
o verdadeiro vírus
da borboleta, e de mim.

A portrait of Anne Mathilde, a woman with dark curly hair and a nose ring, wearing a black sleeveless top. She is looking directly at the camera against a textured, light-colored background.

Anne Mathilde

@donamathildeatelle

Tornou-se Doula em 2016. Pesquisa Gênero e Sexualidades e atua na defesa dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres desde que se entende enquanto mulher. Atualmente é Diretora de Projetos na Associação de Doulas do Mato Grosso (@adomatogrosso), desde sua constituição em 2018, atuando em prol da execução da lei que garante a presença das Doulas em todos os hospitais do estado e na implementação do protocolo que normatiza os atendimentos das Doulas nos hospitais do SUS em Cuiabá. Nacionalmente, também se envolve na luta pela defesa do Projeto de Lei que regulamenta a profissionalização das Doulas. Compõe o Coletivo Alcateia de Doulas (@alcateiadedoulas), que oferecem atividades e atendimento ao parto a partir de uma política financeira diferenciada para mulheres acessarem esse serviço, principalmente no SUS. Promove cursos de preparo para o parto e também Rodas de conversas abertas e gratuitas através do projeto "Ventres em Pauta" realizado em 2019 no Instituto Federal do Mato Grosso e em 2020 no Sesc Mato Grosso. É consultora e colaboradora externa do Gestando Cuidados (@gestando.cuidados), que é um projeto de extensão do IFMT que visa criar um canal de comunicação e informação sobre combate e enfrentamento à COVID-19 voltado para gestantes e puérperas. Foi idealizadora da Roda de Conversa Bem Gerar - Doulas pelo Parto Humanizado que entre 2016 e 2019 realizava encontros abertos gratuitos para apoio à gestantes em sua preparação para o parto e maternidade. Atende mulheres gestantes em Cuiabá, Várzea Grande e Chapada dos Guimarães.

doula a quem doe!

foto: Pedro Nunes Perin
@pedronunesperin



fotos: acervo da autora

"Durante meses, intensas transformações no corpo e na mente de uma mulher acontecem para que ela gere um novo ser. Esse é um processo muito singular para cada um dos envolvidos e abrange muitos aspectos da vida. O nascimento de um bebê é a expressão máxima dessa transformação, um rito de passagem à um universo desconhecido.

A gestação é um processo íntimo e familiar, mas o corpo que carrega o bebê também é visto como incapaz e passível de complicações, mas essa ideia tem bases em nossa história. Durante muito tempo, partejar era uma prática exclusiva das mulheres, mas no século XVI isso começou a mudar com a regulamentação dessas atividades pelo Estado e pela Igreja, ao mesmo tempo que começava a "caça às bruxas", um movimento de perseguição religiosa e social acontecido na Europa, mantido por quase 4 séculos, que dizimou milhares de parteiras e curandeiras.

Desde o período do Renascimento, o saber acerca de cura de doenças passou a ser legitimado pelas universidades, onde só homens de uma determinada classe podiam estudar. Foi assim que o corpo feminino foi tomado como objeto de estudo da prática médica masculina, a produção de ideias sobre ele passou dos conhecimentos das parteiras aos homens, que ocuparam seus lugares e efetivamente transformaram o parto em um evento médico, institucionalizando-o como evento hospitalar e estabelecendo a obstetrícia como disciplina médica.

O modelo assistencial à saúde atual no Brasil e em muitas partes do mundo tem em suas bases prioritárias fatores econômicos ligados ao modo de reprodução de vida capitalista e é ainda sustentado por padrões sociais que, na assistência ao parto, tutelam as gestantes à medicalização excessiva, intervenções tecnológicas desnecessárias que atrapalham o curso do parto, propagando o descrédito em suas capacidades e causando diversas consequências à vida das mulheres e seus bebês. Nosso país carrega a duvidosa honra de representar um dos maiores índices de partos por cesárea no mundo.



Existe, no imaginário social, duas opções para o nascimento: o parto como acontecimento fora de controle, que traz a 'dor da morte', mal assistido e forjado em muitas violências obstétricas em contraposição à uma cesárea, 'sem dor', planejada, 'indicada' por um médico, onde não se é informada dos riscos que a cercam. É claro que a cirurgia cesariana é uma grande tecnologia que salva vidas, mas as cesáreas eletivas (que são as agendadas fora do trabalho de parto e sem indicação real, sendo desnecessária para garantir a saúde da mãe ou do bebê, triplica o risco de morte da mãe e aumenta em seis vezes o risco de a mulher ter uma complicação grave, como a retirada do útero, uma infecção ou a necessidade de fazer uma segunda cirurgia, segundo a ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), para o bebê, diversas sequelas de um bebê que nasce antes de seu tempo.

Não podemos dizer que as mulheres preferem cesáreas se não apresentamos as consequências e benefícios das alternativas, para que sejam feitas escolhas conscientes. É preciso desmistificar e desconstruir a nossa visão sobre o parto e garantir a mudança na assistência à essa experiência que não trata doenças, mas gera vida.

Tendo em vista que o Parto é um evento natural e fisiológico, o atendimento humanizado ao parto, propõe resgatar a particularidade desse momento, levando em conta os fatores não só biológicos, mas também os aspectos emocionais, sociais e espirituais da família que recebe esse novo integrante. Por isso, o empoderamento da mulher no processo de decisão e a posição de assumir essas escolhas em uma responsabilidade compartilhada com a equipe, personaliza essa experiência ao máximo de forma a resgatar o seu protagonismo.

Além disso, as indicações e intervenções em uma experiência de parto humanizado devem ser baseadas nas evidências científicas recomendadas pelos estudos mais recentes, e não por uma falta de atualização ou por comodidade médica, e isso é muito importante para garantir a segurança e a saúde dessa mulher.



Assim, com acolhimento e respeito em primeiro lugar, o papel das Doulas se faz tão poderoso: a Doula é uma profissional que presta apoio físico, emocional e principalmente informacional à gestante e seu acompanhante durante toda a gestação, prepara essa mulher e sua família para o evento esperado, dá a mão e os ampara para que o momento do parto e a recepção do bebê seja uma experiência positiva para todos. Além de que as pesquisas científicas mostram que ter uma Doula no cenário do parto reduz o tempo do trabalho de parto, gera menor taxa de intervenções no parto normal como analgésicos e uso de fórceps e menor indicação de cesáreas.

Os benefícios da doula são vistos mesmo no pós-parto, onde observamos maior número de mulheres amamentando, com mais auto-estima, menos depressão e maior interação com seus filhos.

Falar sobre humanização do parto, é falar do trabalho coletivo para a necessária construção de uma nova sociedade para as nossas meninas e mulheres, onde todas possam ter acesso à informação, educação sexual e perinatal, um sistema de saúde com equipes qualificadas e o protagonismo descoberto no seu parto, para a vida! Pelo direito ao pleno exercício da maternidade livre, seguimos sendo sementes que propagam essas mudanças.

ele e ela eles

TERMINADA A TREPADA, SOUBE-
RAM, AINDA COM O GOSTO DO
SEXO NA BOCA, QUEM DOS DOIS
ERA MAIS FORTE. UM SÚBITO
BEIJO MUDOU TUDO. OUTRA VEZ.

ela

O RASGO FOI TÃO BARBÁRICO
QUE O MENININHO MURCHOU
SE VÍTREO, AFOGADO EM GE-
MIDOS SECOS. O PAI, MAGNÂ-
NIMO, REÇOLHEU ORGULHOSO
A ARMA FÁLICA APÓS O ES-
TRAGO VITALÍCIO; TRAVOU A
LÍNGUA E SUSPENDEU MOMEN-
TANEAMENTE AS CRÍTICAS.

AO PASSAR PELA BOCA, A BALA, DA EXPECTATIVA DO
DOCE, DISTANCIOU-SE, ASSUMINDO UM INESPERADO
AZEDO. MAS CUMPRIU O ESTRAGO ESTOURANDO A NUCA.

ela e ele elas

CONTRA O VIDRO, PRESSIONOU
OS DEDINHOS SUADOS DE FOME,
O CHEIRO DO PÃO EXCITANDO A
BARRIGA. A MÃE, DISTANTE,
NEM LIGAVA... MIÚDO, ELE ES-
TAVA DISPOSTO A TROCAR O
PÃO POR ELA ALI, DESEJO MAIS
ANTIGO, FINALMENTE AO SEU
LADO.

EM FOGO BAIXO, COZINHA-
VA. O VERMELHO, TAMBÉM
DA CEBOLA, EMBACANDO
OS OLHOS. COM O NOVO UR-
RO DELE, ELA ARREMATOU,
SERVIL PELO PAVOR, O
TOQUE FINAL; UM ESCAR-
RO DENSO, DE MEDO E UM
CUSPE DE ÓDIO NA PANELA.

NAINÉ
TERENA

@naine_terena

"Sou Naine Terena de Jesus. Meu pai dizia que escolheu o nome Naine, porque ele tinha algo entre um oráculo e mensageira. Por isso dizia também que estudei comunicação social e me envolvi com todas as ações ativistas que estou envolvida desde os 15 anos de idade, acredito eu. Nasci

em Cuiabá, Mato Grosso, e tenho uma história que narra bem trajetórias de pessoas indígenas e negras do Brasil. Meu pai, negro com alguma descendência indígena (do lado paterno Bororo urbanizado com negros egressos de livramento, isso entre 1865 e 1912, segundo seu relato) é cuiabano. Minha mãe uma mulher Terena com origem em Mato Grosso do Sul. Meu avô foi padreiro e minha avó uma koixuminiti (pajé). Ambos se encontraram

enquanto eram funcionários no serviço indígena e se casaram, tiveram filhos, passaram por muitas situações de repressão por parte de pessoas que atuavam contra o direito às terras indígenas e firmaram residência em Cuiabá. Minha família materna mora em uma aldeia em Mato Grosso do Sul. A paterna está quase toda em Cuiabá, com excessão de uma família indígena Boe Bororo. Lá meu pai ganhou uma mãe, um batismo, uma nova família e o nome Merireu Merikajuju, que coloquei no meu filho. Recentemente reencontrei seus irmãos que me disseram: somos do clã Baado Jeba, da metade Echeræ. Não se esqueça disso. Pretendo não me esquecer.

Por que estou fazendo essa narrativa? oras, porque todo cidadão deveria saber sua origem. A construção do presente e do futuro, deveriam ser reconhecidas pelas construções do passado. As histórias do passado, as lições aprendidas e repassadas, os conhecimentos e modos de fazer e viver, deviam estar embrenhados em todo ser humano. Existem aqueles que os ignoram, e isso faz parte da liberdade de escolha. Há aqueles que os abraçam. Eu estou no segundo grupo.

Aos 15 anos começamos a fazer teatro de quintal, que chamávamos de teatro comunitário. Minha família se envolveu profundamente nesse fazer. Reuníamos os nossos vizinhos e ali produzíamos nossas montagens. Tivemos a experiência de participar de Festivais dentro e fora do estado. Para bancar tudo isso, rolava uns 'paitrocínios' e ações que nós mesmos movíamos. Éramos crianças e jovens com muita vontade. Comecei a escrever meus primeiros textos e pensar estéticas a partir desse grupo de teatro. Empregava aí todas as minhas sinestesias desse mundo estranho. E do trânsito que fazia entre a aldeia e a cidade. Mas o entendimento do porquê existiam tantas diferenças entre aldeia/cidade vieram um pouco mais tarde, já na faculdade. Estudei Comunicação Social na Universidade Federal de Mato Grosso e me tornei Radialista.

Logo depois fiz mestrado na Unb (em Artes) e um doutorado em Educação na PUC/SP. Confesso que tenho um pouco de preguiça de falar das titulações, mas abro umas excessões as vezes. Também fiz estágio pós-doutoral na Unemat e na UFMT. Sou de uma época em que poucos indígenas acessavam o ensino superior, porque não tinham as ações afirmativas e poucos como eu, tiveram a oportunidade de uma educação escolar privada, família com algum recurso para me manter na Universidade e oportunidades como a do teatro, onde meus pais num pensamento bem avançado, acreditavam que a gente podia e seguravam a onde de nos deixar experimentar essas vivências e investiam financeiramente nisso.

Na graduação me inseri em grupos de pesquisas, quase sempre ligados aos movimentos sociais. Fiz alguns estágios, que foram suficientes para averiguar que o mundo não era brincadeira. O contato com as pessoas muito diferentes de mim, me diziam que, a diversidade precisava ser respeitada. Não dava para pensar que todos deveriam ser iguais, como se tivessem sido feitos em produção de massa. Após a graduação fui trabalhar em um veículo de comunicação no interior do estado, numa cidade que fazia mediação com terras indígenas. Obviamente não existe neutralidade. Ou você é, ou você não é. E isso deveria ser uma máxima de todo cidadão. Quando a gente define o que é, tudo fica muito claro. Acredite.



Voltei à Cuiabá e logo estava atuando na Secom do Estado, depois na Secretaria de Estado de Cultura, nas assessorias de comunicação. Meu encanto pelo fazer artístico me levou a esse caminho que hoje abraço. O trabalho nas produções artísticas culturais. A experiência no Teatro e na Secretaria de Cultura, me mostravam que nem todos deveriam estar diante dos holofotes. Era preciso uma cadeia produtiva maior, para que todos conseguissem se sair bem. Decidi então montar a Oráculo Comunicação, educação e Cultura. Uma maneira de estar ligada ao fazer artístico, não só meu, mas de outros agentes culturais. Comecei a elaborar ações de desenvolvimento para grupos, artistas, coletivos. Estratégias de comunicação e valorização. Também movimentar minha própria produção que já passava da literária para as artes visuais e o audiovisual, com mais intensidade. Partia também para o doutorado, já com bastante envolvimento com as questões indígenas e a ativismo.

O que eu digo sempre é que é preciso estar nos lugares. Os espaços ditos não indígenas. Isso serve para todos nós, que temos objetivos para uma sociedade melhor. Vou contar um pouco sobre isso de maneira resumida. Entrei na SEC/MT, na gestão do Paulo Pitaluga. Nesse tempo, Daniel Munduruku me convidou para ir até o Encontro de Escritores indígenas que acontecia anualmente no RJ. Por coincidência (sei lá), ocorria no mesmo período o encontro Nacional de Secretários de Cultura. Juntando a fome e a vontade de comer, fomos uma equipe para lá, e lá, nasceu a FLIMT - Feira do livro indígena de Mato Grosso, onde participei por duas edições. Políticas de governo não são políticas de estado. Talvez por isso, nossas muitas ações, não sobrevivam e deixem de existir, gestão após gestão. Mudanças de comportamentos e posturas, também são reflexo de muitas ações que despencam ladeira abaixo. Esse é apenas um exemplo, mas muitos outros poderiam ser dados, sobre como a nossa presença, é observada e sentida, nos diferentes locais que frequentamos.

Em 2016 voltei a ter um contato maior com a minha própria arte. Foi na realização dos dias de estudos da Bienal de Artes de SP, que o Luiz Marchetti me colocou em contato com a Júlia Rebouças e logo, conheci Maria Tereza Alves e Jochen Volz, pessoas com quem caminho nos dias de hoje, em trocas fortíssimas de narrativas. Esse encontro rendeu uma das guinadas mais expressivas na história da arte brasileira. Estamos hoje, organizando na Pinacoteca de São Paulo - sob comando de Jochen, a primeira exposição de arte contemporânea brasileira da Instituição, com artistas indígenas. Sou curadora dessa exposição que tem previsão de abrir ainda em 2020 e atravessar 2021, porque não podemos deixar este ano morrer! É um marco, porque a Pinacoteca sempre foi considerada um espaço conservador.

Gosto de dizer que tem uma equipe muito bem estruturada para entender que o mundo está mudando e essa mudança é urgente! Como curadora dessa exposição, acredito que estamos operando para essa mudança, da melhor maneira possível. Estamos buscando a Cura, a curadoria, a Curandoria.

Também teria algumas obras expostas minhas em espaços culturais fora de Mato Grosso neste ano.

Em 2019, fui uma dos cinco artistas ganhadores do prêmio 3M de arte. Instalei uma hiper mandala no largo da Batata em São Paulo, cujo nome era 'Prosperidade'. Talvez um anúncio do momento atual. A obra era constituída de sementes orgânicas, livros com autores decoloniais e da diversidade, símbolos diversos, onde o público poderia reconhecer essa conexão com o que de mais importante e próspero podemos ter na vida e quem sabe, desconectar do consumo exacerbado.

Sou professora na Faculdade Católica de Mato Grosso, em três cursos: filosofia, psicologia e Pedagogia, além de pesquisadora do Multimundos Brasil, grupo de pesquisa ligado ao ECCO-UFMT e ter nos últimos anos modelado a Oráculo como um negócio mais social. Isso significa dizer, que me sempre que possível envolveu outros agentes oriundos de movimentos sociais nos trabalhos que sou convidada a fazer. Comecei a desenhar possibilidades, preços que sejam justos, alertando aos contratantes que de alguma forma, deve haver uma troca justa pela mão de obra do pensador/profissional. Também faço várias ações que começaram lá no mestrado, dentro da nossa aldeia em MS. Mas isso talvez seja assunto para outra hora. As escolas de lá, sempre foram locais onde projetos foram desenvolvidos e os professores, parceiros das atividades. Consegui no ano passado, imprimir o livro do 'Vô' Isac, nosso líder e ancião da aldeia. No dia que ele me recebeu a primeira vez em sua residência (isso lá por 2008), como pesquisadora, me disse que estava escrevendo um livro e queria publicar. Conseguiu fazer a primeira edição com apoio da escola da aldeia em 2018. Imprimi a segunda de maneira autônoma, fazendo alguns ajustes que ele pediu. Eu tinha esse compromisso. Todo pesquisador tem o compromisso de retornar para as pessoas e comunidades o benefício que tiveram de obter relatos para suas pesquisas. Já ouvi muito pesquisador, produtor dizer que ELE deu visibilidade para tal pessoa, ou tal grupo. É via de mão dupla. Sem o seu informante, não teria tese, dissertação, monografia. Sem o artista que você 'lançou', você não teria a programação cultural que esta sob sua obrigação montar. Menos, menos.

O futuro? é agora. Estamos numa ação de solidariedade entre mulheres Terena. Fizemos uma capacitação, lançamos uma vakinha e as mulheres já produziram pelo menos 300 litros de sabão em uma semana e estão distribuindo na nossa aldeia. Outras, de outras estão envolvidas também, mas como a vakinha ainda está rolando, estamos utilizando um recurso recebido durante a capacitação. Porque digo que estamos fazendo? porque inteligência coletiva não é só teoria do Pierre Levy. É para aplicar, ainda mais nesse momento. O futuro é unir o passado, o presente para existir um futuro. Os conhecimentos possíveis. Enquanto isso, num futuro presente, que não programei para mais de 180 dias, continuo trabalhando nas pesquisas, projetos, lives e na manutenção pela vida. Seja na vakinha na aldeia. Seja nos grupos de apoio que estou envolvidas aqui na cidade. Seja no cuidado dos meus filhos e parentes próximos e na maximização dos recursos - energéticos, naturais, financeiros."

www.oraculocomunica.wordpress.com.br

MARTA MOREIRA

PT

Carta aberta a um cabrão.

Olá. Sei que ainda te lembras de mim todos os dias. E também sei porquê. Compreendo que não deva ser nada fácil viver com facto de saber que a (única?) gaja que te deu com os pés continua alegremente a sua vida por aí. Calculo que seja difícil de digerir que uma miúda frágil e insegura foi capaz de ver o tamanho da tua pequenez. Imagino que custe saber que há alguém que sabe exactamente a amostra de homem que tu és, e que

Depois de um mês profícuo em notícias relacionadas com as relações abusivas, e depois de ser confrontada com algumas lutas de pessoas que me são muito queridas, percebi que (ainda) é urgente falar-se do que são relações abusivas. A todas as mulheres que possam estar hoje nesse labirinto, aqui vai um exemplo daquilo que lhe deviam dizer mal chegue a casa. Saibam que como todos os labirintos, há uma saída; e há muito melhor à vossa espera.

não podes fazer absolutamente nada para a iludir, mascarando isso. É tramado sentires-te assim, impotente e fraco, não é? Como já se passou algum tempo, gostava de te dar algumas novidades. Talvez não saibas que entretanto a minha vida mudou; se me viesses hoje, tenho sérias dúvidas se reconhecerias a miúda insegura de outros tempos. Já ninguém decide o que posso ou não vestir, porque já ninguém que eu escolha para estar ao meu lado ousa sequer tecer as insinuações que tu tecias. Já não me sinto uma louca por ver a vida duma forma distinta das que conheces, até porque não conheces tantas assim, e já não tenho problemas com o ser possuidora de uma inteligência claramente superior à tua. É que agora estou rodeada de pessoas que valorizam isso como um traço de carácter, que ao invés de sentirem em mim oposição, me vêem antes como uma mais-valia nas suas vidas. Há já muito tempo que não tenho de lidar com gritos, recriminações, acusações ou insultos numa base diária, e isso devolveu-me a confiança que me é natural. Talvez por isso tenho atraído pessoas cada vez mais interessantes para a minha vida, talvez por isso olhem para mim e me vejam uma líder nata e inquestionável. Também não me recordo quando foi a última vez que me trancaram, seja num carro, em casa ou numa varanda no frio da noite. São coisas que simplesmente não acontecem mais: é que sabes, agora dou-me com gente com menos perturbações mentais. Gostava que soubesses que actualmente percebo bem melhor esta história do sexo, e se já apreciava, fiquei a gostar muito mais. É que sabes, desde que só faço aquilo que quero fazer, desde que ninguém me obriga ou coage a nada, tive oportunidade de descobrir coisas muito interessantes, posso garantir. Nunca mais me aconteceu passar noites em claro, numa insónia constante provocada por um terror inclemente de ti. Também passei a comer muito melhor, sem receio nenhum de possíveis consequências estéticas. Vê lá tu que descobri que se pode amar alguém pelo gosto que tem em comer! Se nunca gostaste que eu roubasse olhares por onde quer que passasse, agora ias odiar muito mais: é que sabes, desde que passei a alimentar-me como uma pessoa normal, em ambos os formatos, ganhei curvas bem mais torneadas, e passo bem menos despercebida. Só que a diferença é que quem agora caminha ao meu lado sente orgulho nisso, enquanto pensa na sorte que tem em ter uma gaja destas. Posso-te dizer que desde que te larguei, tal qual se larga uma droga que nos consome de dentro para fora, me tenho tornado uma pessoa a cada dia melhor, sem a menor preocupação acerca disso poder ferir as susceptibilidades de quem caminha a meu lado. Não estranhes pois o meu sorriso aberto quando me vês: estar bem acompanhada tem destas coisas. Como já se

passou algum tempo e nunca antes tive a oportunidade, gostava também de te dizer algumas coisas. Só é aceitável ser um fedelho mimalho e egocêntrico quando somos crianças. Até aos 8 anos, diria eu. Não quando já somos um jovem adulto, e certamente não quando já somos um adulto pai de filhos. Outra coisa: será que pensavas honestamente que “pôr-me a pata em cima” iria alimentar o teu ego? Terias tu uma auto-estima assim tão baixa? É que ninguém diria, afinal sempre foste um grande artista (ainda que por algum motivo, ninguém to pareça reconhecer). Vou-te ensinar uma coisa importante: quando se ama, ninguém tem que ser melhor do que ninguém. É-se o que se é, e ama-se o outro precisamente por ser assim. Convém também que saibas que não adiantou nada hostilizares as pessoas que fazem parte do meu mundo: elas já cá estavam antes de ti. E por muito que te tenhas esforçado por me isolares do resto do mundo, ele esteve aqui à minha espera quando te decidi dar um chuto. Creio que também deves desconhecer o conceito de lealdade: sendo fiel ou não (até porque nunca fui uma puritana) há limites para a maneira como atraíças alguém. Se há coisa que não podes mesmo fazer, é injuriar-me e tecer mentiras a meu respeito para te conseguires fazer de vítima e assim manipular outra perdida como eu fui, e muito menos podes pôr-me doida enquanto te escondes em mentiras e negações. Ser-se homem é isso mesmo, assumir os erros e pedir desculpa; lamento se nunca antes ninguém te disse. Gostava de te dizer embora a estupidez nem sempre seja reconhecida pelos próprios portadores, a filha da putice não entra na mesma categoria. Não adianta desempenhares o papel de “coitadinho” tão bem como sempre soubeste desempenhar, ou tentares ser meu amigo. Não adianta vires atrás de mim, ou arranjares motivos para me falares. A minha resposta vai ser sempre o não ou o completo nada que tu já tão bem conheces, e a quem nos rodeia (pelo menos aqueles que importam), nunca vais conseguir enganar. Tu sabes exactamente o cabrão que foste e o cabrão que ainda és, e quem convive contigo sabe disso. Só assim se explica que ainda hoje persigas “presas fáceis”, que tanto podem ser mulheres com muitos problemas de auto-estima, como adolescentes recheadas de daddy issues acabadinhas de concluir 18 anos (que se há coisa que não és, é burro). Acredita, toda a tua existência e a necessidade que tens de a colorir com as mais elaboradas fantasias, só nos demonstram a todos o que tu verdadeiramente és: um canalha com mais cérebro que juízo, um atrasado mental misógino e profundamente perturbado que precisa de sentir um controlo total sobre a existência de quem está ao lado para se conseguir sentir homem, um cretino de causar repulsa a qualquer uma por ousares tentar convencer alguém de que o que tens para oferecer é amor, quando tudo o que dás é pura agonia, alguém tão minúsculo que nunca mereceste sequer pisar o mesmo chão que eu. Ah, e com uma pila pequena. No fundo, já só existes num lugar recôndito da minha memória para onde te exilei da minha vida. Mesmo que nos cruzemos todos os dias. Porque tu que hoje convives comigo, és completamente inexistente, uma ausência e um vazio que não consegue despertar qualquer sensação em mim, por mais insignificante que seja. Aquilo que vejo quando nos cruzamos é então apenas isso mesmo: um vazio (com pernas). Fomos namorados, amantes, casal assumido, amor clandestino, fomos o quê mesmo? É que já não me lembro. Lembro sim da última coisa que me disseste: “nunca ninguém te vai amar como eu”. É que sabes, ainda bem: a intenção é mesmo essa. You go, girls.

Já ouviu falar de Música Gorda?
Aliás, como você pensa a relação
do corpo que produz música?
No 'Quer Ver? Escuta!' desta edição
batemos um papo com Hend Santana,
que é cantora, performer e ativista
da luta gorda. Para ela, a revolução
passa pelo corpo, que é a matéria
máxima de sua produção.
Hend foi influenciada musicalmente
por seus pais. O pai, desde muito
cedo, fez questão de que ela e os
irmãos tivessem acesso à educação
musical, para tentarem um futuro
como cantores do sertanejo.
Depois de passar por diversos
momentos em sua carreira musical,
a cantora finalmente encontrou
seu disparador: a música gorda!



HEND

@hend_real

Como você começou na carreira artística? Cont/a um pouco da sua história pra gente!

“Depois de entrarmos na fanfarra do colégio, eu e meu irmão demos a louca de fazer aula de bateria, só que eu não tinha coordenação motora pra nada, sempre fui muito ruim. Lembro que numa reunião o professor de música chamou meu pai e falou que meu irmão tinha muito jeito pra música, que tava pegando bem as instruções, seguindo as aulas certinho mas que a filha mais nova, infelizmente, era pra pensar em pagar outro tipo de aula. Aquilo me abalou um pouco, embora um dia, em meus últimos suspiros na escola de música, estava passando numa sala que tava rolando uma aula de piano, aí eu achei muito legal, interessante e bonito. Acabei fazendo aula de piano e mais pra frente de canto, com o Tito e a Alessandra, a esposa desse meu professor. Me encantei em nosso primeiro recital da escola, quando vi essa professora, a Alessandra, tocando e cantando uma música do John Lennon no piano e pensei, 'nossa, é isso que eu quero!' e fiquei nessa... de fazer a aula de piano e de canto. Na adolescência, eu e meu irmão começamos a experimentar e fazer bandas na escola. Também tenho outro irmão, que é mais velho um pouco e por isso não convivia muito com a gente, mas tocava baixo, guitarra... a gente era uma família de três irmãos músicos. Aí nós três montamos uma banda que marcava presença em tudo quanto era coisa de escola, olimpíadas, gincana, feira de ciências, tudo a gente fazia! Já trabalhando com o público da nossa idade. A gente gostava muito de rock, que é um gênero que tava muito em alta na época. O meu pai detestava, né? Ele nunca gostou e era um conflito dentro de casa, já que na cabeça dele tinha investido pra gente montar uma dupla sertaneja ou um grupo pra de fato ganhar bastante dinheiro e acabamos nos interessando por um estilo totalmente contrário. Nessa época fizemos muita coisa, carnaval pra ganhar grana, banda em baile... lembro que no carnaval a gente fazia duas horas e meia de show por dia, com 30 músicas diferentes em cada um, nos três dias do feriado, então era puxado. Eu tinha 13 anos, meu irmão do meio 14, só meu outro irmão que já era maior, daí minha mãe sempre ia com a gente, assinava contrato, ficava junto no backstage.... tinha tudo isso. A gente já ralava muito desde cedo. Também fomos pra todos os festivais independentes de Cuiabá: Calango, Grito Rock, Volume, Festivais Fora do Eixo, além de participar das produções junto com os coletivos. O Espaço Cubo, Volume e o Próxima Cena, é que faziam toda essa movimentação. Depois dessa fase meio turbulenta, acabei fazendo um curso de teatro na Casa Cuiabana, que não tinha custo. Minha mãe sempre foi muito 'mãe de miss', sabe? Sempre engajada, me inscrevendo em concursos e testes. Então aos 15 anos, fiz um teste de novela no PROJAC, na Globo, através de uma agência que veio em Cuiabá. Lembro que meu pai até vendeu uma moto pra que eu fosse. Mas é aquela coisa, né? Por uma mera questão de

perfil, a gente que é gorda, preta e LGBT, sempre fica aquém dos perfis da TV. E era sempre as mesmas desculpas, 'você não fez o perfil e não sei o que...'. Mas fui pro Rio de Janeiro e foi bem legal a experiência, fiz aula de interpretação com o Gracindo Júnior, que é um grande ator da dramaturgia, e me deu um novo horizonte para atuação na TV e no Cinema e agregou muito. Apesar de nunca ter passado em nenhum teste, foi bom pro aprendizado. Em seguida, fui participar da CUFA (Central Única das Favelas), que me deu outro olhar artístico sobre tudo o que eu sabia e lá tive contato com o movimento hip hop, que agrega artes diferenciadas dentro do movimento: o break (dança), o rap (parte musical de rima), o basquete de rua, a discotecagem e o grafite. Foi muito legal porque a CUFA é um coletivo que existe em todo o país e visa fomentar a arte, a cultura e o empreendedorismo dentro das favelas pra galera que não tem muito acesso, então lembro que tive uma outra perspectiva artística. Até ali, parecia que tudo que eu fazia não tinha muito a ver comigo, não mostrava quem eu realmente era, essa questão de ser preta, da favela... a questão mais identitária mesmo não era muito forte no que eu produzia. A CUFA abriu essa visão de fazer arte pensando na minha condição, na minha essência humana, principalmente a negritude e de entender o racismo e as coisas que eu passava e não entendia.

Também cheguei a fazer backing vocal pro rapper Linha Dura e a gente viajou muito, pro interior, pro Nordeste, Sudeste, e nisso conheci bastante gente do gênero. Isso agregou muito no meu trabalho como um todo, e até hoje o rap soma muito na minha carreira.

Depois dessas experiências, fui seguir carreira solo, compondo minhas próprias músicas. Lancei meu primeiro álbum que chama 'Música Gorda', com produção do Alexandre Facchini, baterista e fundador da Banda Strauss. Foi um presente, porque eu sempre admirei muito o trabalho da banda. Os caras já tocaram no Brasil inteiro, tocaram e gravaram com os Mamonas Assassinas e são referência de sucesso aqui no Mato Grosso. O Facchini foi uma peça essencial nesse trampo, ele gravou tudo, batera, baixo, guitarra, fez backing vocal, enfim, era uma coisa muito intimista no estúdio. Foi quando comecei a focar na música gorda, que desenvolvo até hoje. Foi assim que a arte foi tomando lugar no decorrer da minha vida."

O que significa o fazer artístico na sua vida?

"Pro artista é meio difícil criar fronteiras entre o que tá sendo arte e o que não é, né? Às vezes, eu ouço uma música muito machista tocando alto no carro que tá passando e na minha mente já crio uma composição em resposta. Mas hoje pra mim o 'fazer arte' é muito doido, porque quando comecei a entender minha identidade de gênero, comecei a ver que a minha identidade como pessoa interferia na minha identidade artística. Foi o momento em que comecei a entender que não consigo destacar o meu lado artístico da minha identidade pessoal, humana.

Uma vez fui me apresentar numa universidade e o pessoal começou a me rotular como objeto de contracultura, eu pensei 'porque contracultura?', é uma música sendo feita, que é pra todo mundo ouvir, independente de você ser LGBT, negro... se você se encaixa, se identifica comigo, é uma música pra todo mundo. É óbvio que existem esses recortes, porque a partir do momento que eu tenho minhas identidades muito bem formadas, enquanto gorda, enquanto preta, e exponho e coloco isso dentro da minha arte, eu começo a ser vista como objeto de contracultura.

Se antes eu não era aceita pelo meu perfil, hoje ele é o centro do que eu faço.

Então se você consome o que faço, você tá consumindo esse perfil. Por isso, fazer arte hoje pra mim é muito desafiador, assim como viver.

Às vezes as pessoas não querem ouvir o que tenho pra falar na música, o que tenho pra mostrar no palco, porque também tem todo o lance visual.

Pra mim, fazer arte tem que ser tão desafiador quanto viver a minha condição humana.

Sair na rua todos os dias é um desafio pra mim. Ir trabalhar sendo travesti e ocupar um cargo em um órgão público, é um grande desafio. No palco, gosto de triplicar esse perigo. A sociedade precisa aceitar. Não sou eu que preciso ter coragem pra nada. A sociedade é que vai ter que ter coragem de aceitar aquilo que eu faço e aqui-lo que eu sou. Na questão do visual, bato palmas pro trabalho do Einstein Halking, que conseguiu traduzir muito do que eu queria pelo figurino. A gente quis trazer incômodo mesmo, mostrando a gorda com a pele à mostra, gordura, nada de silhueta desenhada, mas com a roupa apertada, curta, uma make mais exagerada, pra causar impacto."

fotos: Dizão Leão
@dizaophoto



O que é um corpo político, na sua visão? Como isso pode influenciar na vida da artista?

"Ao entender que todos os corpos são políticos, a gente se depara também com a realidade dos corpos que demandam mais necessidade de expressão. A gente acaba entendendo que a sociedade não é pra todo mundo, que existe uma falsa ideia de coletivo quando se pensa em espaço público, em acesso a determinados lugares, ambientes. É o negro que é barrado no banco, o gordo que não tem acesso à moda, a pessoa trans que não tem acesso à saúde trans, então, todas essas barreiras são formas de extermínio, são formas de não alocar, de apagamento mesmo. Pode soar muito como discurso, mas na verdade, a realidade e a necessidade dessas pessoas é muito palpável. Aí se torna essa necessidade de gritar mesmo. Eu estando dentro desses corpos, carregando a herança deles, sendo uma pessoa trans, gorda, negra, trago essa necessidade de impor, de reafirmar. Todo corpo é político, às vezes a gente acaba pensando que não, pois alguns não têm a necessidade de expressar a inclusão que outros demandam. Existem corpos que têm mais visibilidade e outros muito menos, mas todos devem ser contemplados. Um exemplo muito forte é o do povo negro, que ainda carrega a herança de escravidão no país e até hoje não temos uma política de reparação e de readequação que esses corpos precisam. Óbvio que surgem debates mais recentes com os corpos gordos, deficientes, com os corpos trans, mas a gente precisa de reparações históricas, porque são corpos que são alvos de apagamento, de extermínio diário. Se você nega visibilidade e espaço, você está exterminando. Há dez anos, não havia bancos pra gordos no ônibus, ou a pessoa era vítima do constrangimento ou vivia à mercê do que foi planejado pra um pequeno grupo. Enfim, assim funciona com pessoas cegas, entre outras, a sociedade vai evoluindo e a gente tem que lutar pela democratização pra todos os corpos."

Fala pra gente um pouco sobre seu campo de atuação, suas influências em sua linguagem artística e se há algum projeto em andamento em meio à pandemia e como isso tem influenciado em seu fazer artístico. Hoje, estou na música, no teatro e sou redatora publicitária de formação e isso influencia muito no meu fazer, porque o artista precisa ter uma autonomia na linguagem, justamente pra reafirmar a identidade que prega. No palco, hoje tenho na equipe a coreografia, as meninas do balé que dançam e fazem a parte do layout de palco, a ajuda do Einstein que faz a minha direção artística e de figurino, e ele está tão dentro que acaba entendendo bastante do processo como um todo.

No meu trabalho, tento usar uma linha mais direta de comunicação, sem perder a qualidade da voz, do cenário, do todo. Trabalho com coisas menos complexas, como era antes nas interferências do jazz, tento construir uma linguagem que seja acessível pra todo mundo e aceita comercialmente. É bastante complexo, afinal, a gente quer ser vitrine também, apesar da história de cada corpo da minha equipe, das meninas que dançam, também gordas, a gente quer ser vitrine. Além do aspecto progressista, político, queremos ser lidas de forma 'natural', queremos que naturalizem nosso talento no palco, como qualquer outro corpo magro ou branco.

A minha música é bem influenciada pelo teatral, a gente vai nessa linha artística em nossos figurinos, explorando um pouco o street, a pegada da Broadway, rola muita interpretação e o teatro musical tá bastante dentro do trabalho. Já fiz alguns espetáculos, 'Invisível Menino Gordo', 'Cabaré Aberração', enfim, no teatro lidei muito com musicais.

Eu pretendia explorar mais o lado da HEND atriz, mas a pandemia acabou adiando um pouco essa oportunidade de deslocar da música e focar um pouco na dramaturgia.

Agora a gente tá num momento de replanejar tudo, conforme as normativas de segurança, de saúde, e comprei uns equipamentos pra focar em explorar as plataformas de streaming.



Quando você pensa
em futuro, qual a
primeira palavra
que vem à sua
mente hoje?

Pro futuro: se restabelecer, se reaproximar de pessoas,
pensar em alternativas de trabalho, da forma que a
gente ama, dessa forma que a gente encontrou. Acredito
que pra quem vem de uma situação mais vulnerável, vem
da favela, da herança de ser preto, que é minoria, que
é gorda, que é trans, que carrega a falta de espaço e
de oportunidades, acredito que a gente consegue.

Desejo que a gente continue
tentando lutar e defendendo o
óbvio, as orientações médicas,
acredito que todo mundo é
adulto, que a gente é ainda
suficientemente são pra poder
seguir um caminho certo.
É isso, vejo que temos muito
trabalho. Trabalho em dobro que
seja, porque, ao mesmo tempo que
parece ser mais cômodo ficar de
casa, trabalhar de casa é mais
complicado, a gente depende
agora do fato de dominar as
tecnologias, de saber
desenvolver. Então é correr
dentro e... muita força agora.



fotos: Dizão Leão
@dizaophoto

Habitar o fim do mundo

Elizabeth Othon

@elizabettt_

MORADIA É DIREITO

Assistimos a um potencial fim de um mundo a partir de nossas casas-caixas. A palavra “casa” surge em 9 a cada 10 conversas, e pela primeira vez em muito tempo a pergunta “e quem não tem casa?” é ouvida nos mais diferentes espectros políticos pelos mais diferentes motivos. De repente precisamos olhar cara-a-cara para a forma como habitamos este mundo (ou não-habitamos), em toda sua complexidade e infinitude.

Certo é que diante do fim de um destes mundos contém o nascimento de outros.

Como habitar um mundo por fazer? A casa pode dar algumas pistas.

Mas aqui não falo da casa-mercadoria individual com suas fundações em concreto, consumo e capital. Nem da morada cujas telas de led iluminam a vontade latente de ter de volta o “normal-que-nunca-vai-voltar”. Tampouco é a casa asséptica banhada em álcool 70 e tapete de água sanitária na porta.

Com o passar dos dias conhecemos pouco a pouco cada canto de nossas casas internas e externas, cada grão de poeira que rola pelo chão, a dança da luz que entra pelas janelas e pra onde correm os ventos. Enfim temos a o privilégio de compreender que habitamos e pertencemos a um lugar, e a casa nos habita. E em outra escala, habitamos coletivamente uma grande casa chamada de Terra.



– ALIMENTE O OUTRO –

MOVIMENTO SEM TETO DO CENTRO
MOVIMENTO SEM TERRA/SP



casa no Quilombo Ribeirão da Mutuca - MT

Bachelard diz que os espaços da casa estão dentro de nós, assim como nós estamos dentro destes. E este movimento parte da nossa primeira casa, a casa natal que fica gravada em nosso espírito, onde aprendemos o real sentido de pertencimento, e que é a referência primeira para todas as outras casas que habitaremos ao longo da vida. Portanto, a casa contém o sonho, a memória, o abrigo e a história concreta.

Podemos assumir que para construir outros mundos é preciso passar pelo exercício de pensar como habitaremos este novo lugar, a partir de quais referências sedimentaremos as bases de nossas casas (internas, externas e coletivas).

Creio que por mais que pareçam distantes, utópicos e ainda por fazer, estes outros mundos já estão no aqui e agora. O mundo já foi recriado muitas vezes por pessoas que tiveram seus mundos a beira do abismo e desde então incendeiam de dentro para fora esta realidade fundamentada no capital e na morte.

Este novo mundo já existe, e inclusive já é um velho sábio e vem sendo construído pouco a pouco. Este novo já está no campo, nas águas e nas florestas e é feito pelas etnias indígenas, povos quilombolas, comunidades do bem viver, povos que habitam e refazem seus territórios. Nos centros urbanos os movimentos de moradia mostram há mais de 40 anos que para permanecer bem vivendo é preciso se abraçar aos saberes dos que vieram antes.

A moradia como direito humano surge nos grandes centros urbanos a partir da luta dos movimentos como o MSTC e MTST. Estes movimentos entendem que a moradia é a “porta de entrada pra outros direitos”, a luta não se resume a casa, mas contempla arte, educação, saúde e bem viver. Durante a pandemia campo e cidade se uniram numa ação de solidariedade entre o MST e o MSTC. A partir da noção de casa comum as redes de solidariedade se expandem nos territórios e dão as bases para o “novo normal” que almejamos coletivamente.

Cidinha Bento fala sobre as “tecnologias ancestrais de produção de infinito” se referindo às estratégias de sobrevivência de seus ancestrais que vieram de África e se reconstruíram na diáspora. Ailton Krenak nos convida a pensar sobre o adiamento do fim do mundo a partir da perspectiva dos povos indígenas que habitam a natureza e são parte dessa grande casa comum que é a Terra. Se me cabe a ousadia de fazer uma síntese, o que há em comum nestes olhares é a noção de totalidade e movimento, uma inteireza latente.

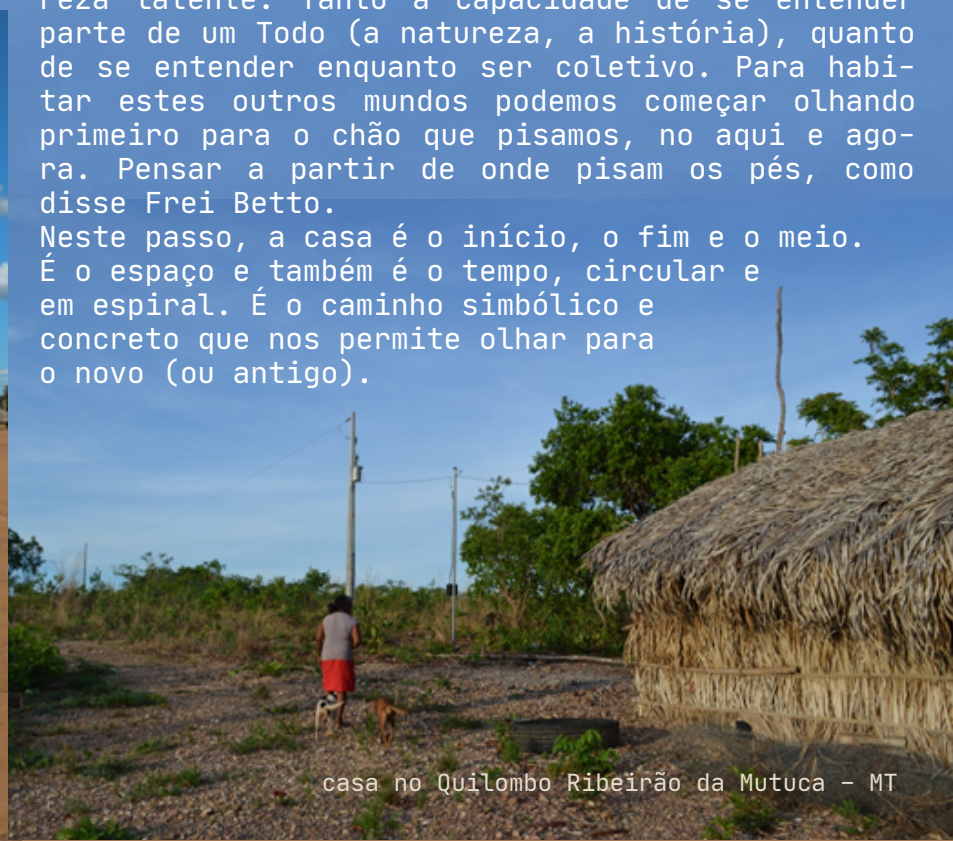
Tanto a capacidade de se entender parte de um Todo (a natureza, a história), quanto de se entender enquanto ser coletivo. Para habitar estes outros mundos podemos começar olhando primeiro para o chão que pisamos, no aqui e agora. Pensar a partir de onde pisam os pés, como disse Frei Betto.

Neste passo, a casa é o início, o fim e o meio. É o espaço e também é o tempo, circular e em espiral. É o caminho simbólico e concreto que nos permite olhar para o novo (ou antigo).



Rü - A casa Xavante. Aldeia Etenhiritipá T.I. Pimentel Barbosa (MT)

fotos: Elizabeth Othon
@elizabeth_



casa no Quilombo Ribeirão da Mutuca - MT

algo comum

região metropolitana
de cuiabá
um rapaz
alto cabelos pretos com barba
bonitos 34 anos
o ar condicionado de C.R.
ligado por 24 horas
deu a entender
aos vizinhos
mesmo com o calor infernal
dessas cidades não ser
uma coincidência
algo estranho aconteceu
hmmmmm a cara desse
meninão sei não
foi levar menino novo
pra casa deu nisso
diziam os comentários da
reportagem nas redes sociais
a gay nem quando morre
tem paz
foi num sábado
de quarentena de ódio
o assassinato
muito comum nada estranho
mais uma bixa
morre degolada
nessa poça de
sangue brasil

3PERGUN TASPARA

LUISA LAMAR

@aluisalamar

Luisa Lamar teve sua primeira experiência artística aos 10 anos, na estreia do coral infanto-juvenil 'Praticutuca'. Antes disso, atuava em casa para os pais, dona Terezinha e xô Tadeu, vestindo suas roupas e inventando narrativas e personagens. Hoje, performa seu corpo como arte.

Fizemos 3 perguntas para a criadora do gênero politicomusical Lambatrans sobre começo de carreira, corpo e posicionamentos e o futuro da arte.

Vamos ver o que a Rainha do Lambatrans tem a dizer?

Todo mundo começa de algum lugar em algum tempo. Quando você considera o seu nascimento artístico?

"Considero 2016 o ano que marcou o início da minha caminhada de produção autoral, de um trabalho musical que falasse da minha vida, das minhas angústias e alegrias, agora como pessoa TransVestiGênera (como bem aponta a ativista Indianare Siqueira). Foi nesse ano que comecei a escrever música de fato e pude pensar na possibilidade de não só ser mais uma simples intérprete (coisa que amo), mas de experimentar na minha corpa a idéia de ser a minha própria Eu Lírico, de contar pra minha família, pros meus amigos e pro meu estado o que a Luisa Lamar havia vivido e sido privada de viver. Da mesma forma, de aproveitar a dialética da música pra me apropriar do lambadão e falar com a juventude cuiabana, que em sua grande maioria vive em estado de negação da própria cultura, na intenção de utilizar ou de eu também fazer parte dessa juventude. Assim, tive isso como arma de convencimento pra mostrar à gurizadinha da minha idade o quão rica, forte e ancestral realmente é a nossa cultura cuiabana."

O seu corpo e suas vivências estão no centro do seu trabalho. Como é este posicionamento?

"Posicionamento pra mim é tudo. Há um ditado alemão que diz que 'se há 10 pessoas numa mesa, um nazista se senta à mesa e ninguém se levanta, há 11 nazistas numa mesa'. Hoje tenho 22 anos e essa questão é bem pessoal pra mim, pois quando era mais nova não entendia a necessidade ou importância do meu posicionamento em relação às coisas que aconteciam. Eu sentia medo de ser desagradável, de ser desgostosa, de ser indesejada por discordar de coisas ou por ter in-



Essas pessoas que 'gostavam' de mim pela minha falta de posicionamento foram as mesmas que nunca me ligaram ou procuraram quando quis colocar um fim na minha vida, que viraram a cara pra mim quando descobri minha própria voz, os meus próprios desejos, meu próprio posicionamento político e própria leitura social. Se posicionar pode ser uma questão de vida ou morte quando encontramos pessoas fragilizadas na caminhada da vida, então acredito que seja importantíssimo estudar e alcançar o seu próprio entendimento das coisas. Pra mim, uma vida sem posicionamento é uma vida de arrependimento."

A arte é uma entidade viva que vai se transformando a cada segundo. Conhecemos um pouco do passado, estamos tentando entender o presente. E o futuro da arte? Alguma previsão?



"O futuro na arte, pra mim, é a maior incógnita que há, mas ao mesmo tempo me deixa animada e curiosa para saber o que pode acontecer, afinal a arte só é feita pra que haja um futuro. Na gringa, eu tenho me conectado muito com o trabalho do produtor britânico Ag Cook, da "PC Music" (que trabalha/já trabalhou com artistas como Charli XCX, LIZ, Hannah Diamond), Grimes e SOPHIE (DJ transgênero que trabalhou com Madonna, Itsy - grupo pop coreano, Flume) e no Brasil o que me pega é, sem dúvidas, a mistura de ritmos e culturas, alinhados de um ótimo texto que vem sendo feito ao redor do mundo pela gurizadinha LGBTQIA+, como a Linn da Quebrada, Jup do Bairro, Potyguara Bardo, Hend Santana, Seven Mônica, enfim, a lista é grande, eu poderia passar a noite toda aqui soltando nomes. Por fim, é muito importante que respeitemos as recomendações oficiais da OMS para que possamos pensar em ter um futuro à nossa frente."





GIGANTES DO CAMBEMBE

@gigantesdocambembe

preservação das culturas materiais e imateriais da região, com o objetivo de reencontrar e restabelecer a identidade cultural dos moradores afetados pela construção da Hidrelétrica de Manso, pela chegada do asfalto e pela implantação das monoculturas. O trabalho do grupo é o mecanismo para a criação de um sistema sustentável, que receba as engrenagens do progresso, ressignificando-as e usando-as como ferramentas de inclusão. A memória oral e a ancestralidade do território são as temáticas centrais dos trabalhos do grupo. O grupo é orientado pela atriz e bailarina Oz Ferreira, criada na comunidade ribeirinha Barra do Bom Jardim. Iniciou seus estudos aos 11 anos, em um curso de Teatro do Oprimido, realizado como compensação social pelo alagamento de sua comunidade. Aos 18 foi para São Paulo, onde se formou e trabalhou com teatro e dança. Em 2018 retornou para Mato Grosso para trabalhar como artista educadora no Projeto PRINART da Escola Estadual do Campo São José, fomentado pelo governo do estado, mas o fomento foi interrompido subitamente no começo de 2019.

O maior prejudicado por essa interrupção foi o público do projeto, que se mobilizou e tentou fazer campanha nas redes sociais para que o PRINART fosse retomado. Movida por essa campanha, Oz se juntou a Perseu Azul, que é diretor de audiovisual, e juntos deram continuidade a orientação do grupo de forma voluntária, contando sempre com imenso apoio da comunidade da Água Fria.

Caminhando para o terceiro ano de existência, o grupo de artes cênicas e audiovisual Gigantes do Cambembe, localizado no distrito de Água Fria, já contou com mais de 80 membros provenientes das diversas comunidades que cercam o distrito, comunidades formadas por antigos quilombos e tradições de elevado valor histórico cultural que, em sua maioria, foram atingidas pela desocupação forçada resultado do alagamento que originou o Lago Manso.

A missão do grupo é desenvolver produções artísticas que estimulem a recuperação e





Anualmente o grupo realiza a Mostra Gigante de Artes Cênicas, que acontece no distrito de Água Fria, sempre no final do ano letivo. Em 2019, essa mostra reuniu um público de aproximadamente 300 pessoas e contou com mais de 4 horas de programação cultural, com apresentação de obras realizadas pelos Gigantes e por artistas convidados. Com a pandemia, o grupo teve que encontrar novas formas de interagir e manter a produção, mas é inevitável que todo o calendário de realizações tenha que ser adiado e a Mostra Gigantes de 2020 deve acontecer no início de 2021. Por fim, fica o convite para o leitor seguir o grupo no instagram (@gigantesdocambambe) e, caso seja produtor cultural e queira levar alguma atividade para realização junto ao grupo, fazer contato pelo e-mail: gigantesdocambambe@gmail.com.

texto: Oz Ferreira
@arvoreoz



esta edição é dedicada a
Marília Beatriz de Figueiredo Leite 1941-2020

NÃO HÁ
S E M
MAR
ILHA